

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

YASMIM ARAÚJO RODRIGUES

**A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA NA APRESENTAÇÃO DO SUICÍDIO:
ESTUDO DE CASO DA SÉRIE 13 REASONS WHY**

**BRASÍLIA
2019**

YASMIM ARÁUJO RODRIGUES

**A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA NA APRESENTAÇÃO DO SUICÍDIO:
ESTUDO DE CASO DA SÉRIE 13 REASONS WHY**

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de Jornalismo pela
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais
Aplicadas do Centro Universitário de Brasília
– UniCEUB.

Orientador: Prof. Julia Maass

**BRASÍLIA
2019**

YASMIM ARAÚJO RODRIGUES

**A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA NA APRESENTAÇÃO DO SUICÍDIO:
ESTUDO DE CASO DA SÉRIE 13 REASONS WHY**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Jornalismo pela Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Prof. Julia Maass

Brasília, 11 de junho de 2019

Banca Examinadora

Professora Julia Maass

Professora Maria Glaucia Pereira de Lima Pontes Magalhães

Professor Sergio Euclides Braga Leal de Souza

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora das Graças, que me deram forças para continuar e me ajudar a travar todas as minhas batalhas diárias, em seguida quero agradecer aos meus pais, Ana Lúcia e Marcos, que sempre me apoiaram em tudo que fiz, me deram sempre a esperança de que um dia chegaria onde estou hoje.

Gostaria de agradecer também a toda minha família que sempre esteve ao meu lado, agradecer por todas as vezes que resolvi dormir ao invés de comemorar com eles porque estava muito cansada dos trabalhos de faculdade. Dedico esse trabalho, principalmente, às duas avós, Neuza e Aurora, que faleceram ao longo dessa minha jornada na faculdade de jornalismo.

Aos meus amigos que me entenderam quando eu não podia sair com eles pois estava finalizando meu TCC. Eles que sempre estiveram ao meu lado e viram meus choros de desesperos e alegrias.

Meu muitíssimo obrigada a todos que estiveram comigo nessa jornada desafiadora, que neste trabalho eu possa ter me esforçado o suficiente para orgulhar a todos aqui citados. Meu eterno obrigada.

“Você não pode interromper o futuro, nem modificar o passado. O único jeito de descobrir este segredo é apertando play.”

Os 13 Porquês, 2017.

RESUMO

Este trabalho aborda a representação do suicídio, passando por Émile Durkheim e Sigmund Freud até chegar no objeto de estudo que é a responsabilidade da mídia em descrever e representar o suicídio durante e depois da série streaming “Os 13 Porquês”. Logo depois do lançamento da série em 2017 as mídias começaram a revelar, no mesmo ano, diversos casos de suicídios adolescentes, entre 2017 e 2018. Os indivíduos passaram a questionar se a forma como cada uma delas estava abordando o assunto era correta e ética para o meio jornalístico e audiovisual. Dentre esses questionamentos sobre se deve ou não noticiar o suicídio é possível destacar também as campanhas de conscientização desenvolvidas pela plataforma de origem da série, Netflix com o intuito de ajudar adultos e adolescentes a combater a depressão, bullying e o suicídio em si. Por fim, foi concluído que a mídia assume o papel de construir e gerar opinião sobre os casos de suicídio representados durante a construção de uma ideia final sobre a série, de que muito mais importante que noticiar é auxiliar o telespectador de que existe meios para que o suicídio não ocorra e que expor a pessoa nunca é a solução.

Palavras-chave: Série de TV. Audiovisual. Suicídio. Jornalismo. Ética

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O QUE É O SUICÍDIO	13
1.1 O suicídio segundo Émile Durkheim	13
1.2 O suicídio na psicanálise de Sigmund Freud.....	16
1.3 Índices de suicídios em comparação entre o Brasil e os EUA	18
2 A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA.....	25
2.1 Ética no audiovisual e no Jornalismo	25
2.2 A influência da mídia sobre os adolescentes	29
2.3 O audiovisual na representação do suicídio.....	31
3 OS TREZE PORQUÊS	35
3.1 O sofrimento de Hannah Baker.....	35
3.2 Análise midiática sobre o tema suicídio.....	38
3.3 Netflix e a campanha sobre o suicídio no Brasil	43
3.4 Não seja um porquê - Twitter	44
3.5 A procura ao Centro de Valorização da Vida – Fale com alguém.....	48
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	56

SUMÁRIO DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1- Boletim epidemiológico do Brasil	20
Tabela 1- Suicídios divididos por faixa etária, cor e região	21
Gráfico 2 - Saúde mental	22
Figura 1 - Classificação indicativa e descrição da série	25
Figura 2 - Aviso de conteúdo na aba do site	26
Figura 3 - Matéria do UOL	27
Figura 4 - Matéria do G1	28
Tabela 2 – Matérias durante os meses de estreia da série	41
Gráfico 3 – Interesse na série ao longo dos meses de abril a maio.....	42
Figura 5 - Diálogo no site	45
Vídeo 1 – Disponibilizado pela Netflix a #NãoSejaUmPorque.	46
Figura 6 – A repercussão da hashtag no twitter.....	47
Figura 7 – A repercussão da hashtag no twitter.....	47
Figura 8 – Site oficial do Centro de Valorização da Vida	49
Figura 9 – Site oficial da série “Os treze Porquês”.	49

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será proposto uma discussão sobre a responsabilidade da mídia na representação do suicídio em um estudo de caso da série “Os treze porquês”.

O suicídio está cada vez mais presente na sociedade contemporânea. De acordo com o perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil de 2017, no período de 2011 a 2015, foram registrados 55.649 óbitos por suicídio no Brasil, com uma taxa geral de 5,5 a cada 100 mil habitantes, variando de 5,3 em 2011 a 5,7 em 2015. O risco de suicídio no sexo masculino foi de 8,7 a cada 100 mil habitantes, sendo aproximadamente quatro vezes maior que o feminino (2,4/100 mil hab.). Em ambos os sexos o risco aumentou ao longo do período, passando de 8,4 para 9,1/100 mil hab. no sexo masculino e de 2,3 para 2,5/100 mil hab. no feminino. Assim, o crescimento da taxa foi de 0,7% no sexo masculino e de 0,2 no feminino. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), (2017), a cada 40 segundos uma pessoa se suicida no mundo. O suicídio figura entre as três principais causas de morte de pessoas que têm entre 15 a 44 anos de idade. É, segundo os registros da Organização Mundial de Saúde, responsável, anualmente, por um milhão de óbitos (o que corresponde a 1,4% do total de mortes). Essas taxas não incluem as tentativas de suicídio, de 10 a 20 vezes mais frequentes que o suicídio em si. De acordo com esses mesmos estudos foi descoberto que a cobertura midiática pode gerar um efeito de contágio. A OMS tem identificado a atuação da mídia em relação aos suicídios como uma área de estratégia para ajudar a prevenir tais atos.

O sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) relata que o ato provém de vários suicídios inconscientes que não significam só a loucura, “Todos os suicídios vesânicos ou são desprovidos de qualquer motivo, ou são determinados por motivos puramente imaginários. Não se pode, portanto, sem fazer mal caso das palavras, considerar todo suicida um louco. ” (DURKHEIM, 2000, p 44).

Segundo Szasz (2002, p. 21)

Usamos a palavra ‘suicídio’ para expressar duas ideias bastante diferentes: por um lado, com ela descrevemos uma maneira de morrer; ou seja; tirar a própria vida, voluntária e deliberadamente; por outro lado, no lugar de utilizamos para

condenar a ação, ou seja, para qualificar o suicídio de pecaminoso, criminoso, irracional, injustificado em uma palavra, mal.

Dentro do contexto de distribuir conteúdo, o audiovisual obteve várias mudanças referentes a escolha de conteúdo, na questão da preferencia do consumidor. Em 2019 já é possível visualizar o novo produto do audiovisual, o *Streaming*, que produz conteúdo para computadores e dispositivos móveis pela internet. A Netflix é um streaming muito conhecido, em que só basta pagar uma mensalidade e ter em seu computador uma vasta programação, desde séries por ele mesmo produzidas a filmes de altas produções.

Segundo Hagemayer (2012, p.31)

Através dos filmes de ficção e noticiários de cinema era possível estabelecer uma relação direta entre os efeitos produzidos pela combinação de sons e imagens e seu impacto na adesão das massas. Como um espectro fascinante, mas que às vezes mostra uma face sinistra, o cinema passou a ser encarado com maior desconfiança.

Para a psicanálise freudiana, nenhum de nós acredita na própria morte ou, o que venha a significar a mesma, e que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade (FREUD, 1915). Mesmo o suicídio sendo algo mais consciente que inconsciente podemos compreendê-lo de várias formas, como um suicídio parcial em que o indivíduo mata uma parte de si mesmo, como em automutilações. Existe também o suicídio total que é justamente o fato de cometer o ato, que seria tirar a própria vida. “O suicida não está querendo necessariamente matar-se, mas matar uma parte de si mesmo. No entanto, isso é impossível, e ele, como que num engano, acaba matando-se e morrendo por inteiro ” (CASSOLA, 1984, p. 18).

A série “*Os treze porquês*” vem causando bastante rebuliço nas redes sociais e nos outros veículos midiáticos, a trama vem de alerta para o assunto suicídio e depressão. A história de Hannah Baker faz os espectadores se aproximarem e ao mesmo tempo repudiarem os acontecimentos. A cada episódio pode-se conhecer mais sobre a jovem, entender que ela está morta e que as próprias pessoas da escola em que estuda foram os vilões do seu sofrimento. O ato central da série é quando a protagonista se suicida e envia uma caixa de fitas K-7 gravadas para todos

os seus colegas que lhe fizeram mal, daí vem o título, referente aos 13 motivos que levaram a sua morte.

O objeto deste estudo é a análise da repercussão que a série de televisão americana baseada no livro *Thirteen Reasons Why* (2007), de Jay Asher, e adaptado por Brian Yorkey para a Netflix teve, verificando qual é o papel da mídia neste processo.

Em 2019 com a popularização das séries de televisão houve um grande aumento do mercado da comunicação e do marketing, facilitando a maior eficiência e dispersão de conteúdo.

A série causou um imenso debate sobre suicídio nas redes sociais e gerou polêmica sobre a responsabilidade desse tipo de apresentação sobre um tema tão polêmico na sociedade atual. Os pesquisadores Cristian Kielling, Aline e André Zirmerman, Arthur Caye, Junior Salum, Abrahão e Ives Cavalcante Passos da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul (UFRGS) realizaram uma pesquisa, durante o lançamento da série com 30.000 membros por meio do facebook e instagram, cujos comentários relataram dilemas adolescentes muito parecidos com aqueles do seriado, principalmente referentes a bullying e pensamentos suicidas.

Entre ler o livro e assistir ao seriado, percebe-se algumas mudanças significativas, sendo uma das mais marcantes, a escolha do ‘como morrer’ da personagem, que será discutida no capítulo do suicídio. Dentro desse ambiente cheio de debates sociais sobre as cenas de estupro e do suicídio de Hannah Baker.

É necessário trabalhar a responsabilidade da série “*Os treze porquês*”, já que seu efeito foi positivo no Brasil de acordo com o Centro de Valorização da Vida (CVV), em 2017, houve um aumento de 445% em e-mails com pedidos de ajuda, já os acessos no site cresceram 170%. Segundo o centro, a maioria das pessoas que buscam atendimento nos canais do CVV entre 2015 e 2017 são jovens que se identificam com a dor da personagem principal. Ainda seja uma obra de ficção tragam, trouxe à tona a possibilidade de censura dessas produções. Com a série já lançada e disponibilizada na plataforma de streaming, os especialistas afirmam que a maneira de lidar com esse conteúdo pode ser repensada e que o debate deve ser ampliado.

Anderson (2006) procura mostrar a influência da internet na indústria do entretenimento e como as pessoas são divididas pelos produtos específicos como livros, best-seller e séries de televisão.

Já Bethônico (2006), Ford, Green e Jenkins (2014) conversam sobre a circulação de conteúdo nos meios digitais interagindo sobre a distribuição cultural e a valorização da audiência. Schiontek, Cohene e Buiatti (2018) abordam o que a plataforma Netflix vem produzindo de materiais de audiovisuais online e como está sendo importante para disseminar informação. Já os autores Santana e Rodrigues (2018) procuram abordar o suicídio pelo viés da mídia. Durkheim (2000) também abordou o tema, mostrando o que há de mais íntimo do nosso ser em um caso de suicídio. Hagemeyer (2012) procura revelar as reflexões com relação aos registros audiovisuais no cinema, animação, videogames, clipes, entre outros. O suicídio não é algo distante da sociedade e por isso a série o aborda como algo que ocorre, infelizmente, em todo o mundo e que não é algo “bonito” de se ver. É, portanto, o espelho de algo que já é conhecido, mas não necessariamente mostrado.

Também será abordada a Hipótese do Agendamento ou Agenda Setting essa hipótese propõe a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados com maior destaque. No caso da série aqui apresentada, os indivíduos pararam mais para pensar no suicídio depois que muitos ouviram ou viram assuntos sobre a série. “O objetivo não é mais analisar o papel da mídia na mudança de opiniões, mas sim sua influência na formação e mudança de cognições, ou seja, na forma como as pessoas apreendem (e aprendem) as informações e formam seu conhecimento sobre o mundo.” (PENA, 2005, p.144).

Com o objetivo de alcançar o resultado desejado sobre a responsabilidade da mídia, este trabalho foi dividido em 3 capítulos: no Capítulo 1 - Suicídio, serão abordados o suicídio segundo Émile Durkheim, o suicídio na psicanálise de Freud, a motivação e os índices de suicídios em comparação entre o Brasil e os EUA. Já no Capítulo 2 - Mídia, Suicídio e Ética, serão abordados a influência da mídia sobre adolescentes, a responsabilidade do audiovisual na apresentação do suicídio e a ética no audiovisual. No 3 e último capítulo - O que foram os 13 porquês, serão abordados o sofrimento de Hannah Baker, o estudo de caso midiático sobre o tema e as campanhas de conscientização desenvolvidas pela Netflix, além de sua

campanha sobre o suicídio no Brasil e a procura pelo Centro de Valorização da Vida (CVV).

É preciso estabelecer as reações dos indivíduos com relação a série e o que ela representou na transfiguração do audiovisual na representação do suicídio para a classificação indicativa da série.

Os avanços tecnológicos da comunicação de massa, da indústria cultural, da cultura de massa e das mídias eletrônicas trouxeram a necessidade de buscar novas reflexões sobre o sujeito alvo que não deve ser apenas encarado como objeto fácil de ser moldado, e sim como resultado dessa rede de relações amorfas, não tangíveis, que possui elementos específicos em que o sujeito também se reconhece porque os elementos significativos são construídos para ter consumidores potencializados que participam e refletem sobre nosso mundo atual.(DUARTE, 2011, p.213)

O estudo de caso pretende examinar eventos cotidianos e atuais, deve-se verificar as situações que levaram a um determinado comportamento, como no caso das manifestações da protagonista sobre sua tentativa de morte, que abalaram alguns telespectadores. Sua capacidade de lidar eventos com uma ampla variedade de evidências documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 2001)

Na tentativa de analisar o comportamento das pessoas com relação à série, pretende-se nesse estudo de caso avaliar também as intervenções da vida real na produção de conteúdo da Netflix. “Num mundo imperfeito como o nosso, a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não existindo uma única versão que seja a mais verdadeira ” (DUARTE, 2011, p. 234).

O parâmetro utilizado será qualitativo, pois pretendo analisar e observar o caso específico e traduzi-lo de forma coerente. Esta pesquisa é importante pois irá tratar do envolvimento do audiovisual online na comunicação e produção da série 13 Reasons Why, que acabou se tornando popular por tratar de assuntos muito delicados na sociedade contemporânea como suicídio, abuso sexual, porte de armas e invasão de privacidade.

1. O QUE É O SUICÍDIO

1.1 O suicídio segundo Émile Durkheim

O termo suicídio vem das palavras *sui* (si mesmo) e *caederes* (ação de matar), ou seja, tirar a própria vida. Num aspecto geral, o suicídio é definido como um ato voluntário em que um sujeito possui a intenção da própria morte, podendo ser causada, entre outros fatores, por um elevado grau de sofrimento, que pode ser verdadeiro ou ter sua origem em algum transtorno psiquiátrico como a psicose aguda, a depressão delirante ou outro transtorno afetivo.

O processo de suicídio vem de uma transformação, muitas vezes, de fora para dentro. O autor da obra *O Suicídio* (1897¹) de Émile Durkheim, apresenta os tipos de suicídio como suicídio egoísta, altruísta e anômico.

A predisposição ao suicídio pode mudar de país para país. Há dentro dessa predisposição o suicídio que o autor chama de egoísta, que consiste no extremo individualismo do ser dentro da vida privada e na sociedade. Como por exemplo fatos sobre o suicídio entre meios religiosos podem ser justificadas pela intolerância dos tempos atuais, ao exercer um poder severo sobre si e sobre os outros, exigir de alguém o que não precisa ser exigido. Chegamos então ao primeiro resultado, que a propensão ao suicídio deve estar relacionada ao espírito de livre exame que anima essa religião. O livre exame é, por sua vez, o efeito de uma outra causa. Ora, essa própria necessidade só pode ter uma causa: a falência das crenças tradicionais (DURKHEIM, 2000, p. 186)

Por isso, para Durkheim, o sociólogo deve ter como norte de suas pesquisas os fatos sociais, levando em consideração que tudo isso deve ser feito levando em consideração a consciência coletiva dos indivíduos (ALMEIDA, 2018, p. 121). O autor ressalta que a ciência não é culpada pelos problemas da sociedade e nem pelo aumento de suicídios e defende o progresso coletivo da sociedade.

O que ele afirmar é que é preciso que essas instituições sociais de caráter religioso se transformem e se adequem aos novos modos de vida e de conduta que surgem com o desenvolvimento da ciência para que continuem exercendo sobre os indivíduos um meio de controle sobre sua consciência individual através de suas crenças e ritos que geram fatos

¹ O livro de Émile Durkheim traz referências de acordo com a época em que viveu e por isso algumas informações são diferentes das pesquisas geradas no século 21.

sociais gerais que alimentam a consciência coletiva da sociedade. (ALMEIDA, 2018, p. 123)

É interessante destacar que o suicídio egoísta atinge outra parte da população que também sofre com a vida cotidiana, os solteiros e os casados. Os que se dizem solteiros têm a vida muito mais tranquila que os que são casados, portanto, têm a tendência de suicídio maior que o oposto (DURKHEIM, 2000, p. 213).

O casamento, o que há dentro de cada relação, também pode ser algo a ser pensado com relação ao suicídio entre pessoas relacionadas formalmente, pois quem não consegue atingir certas qualidades como saúde e fortuna pode se sentir derrotado em várias divisões cotidianas da vida. Entretanto, é bastante possível que os indivíduos casados tenham uma vida melhor que a dos solteiros com relação ao físico e moral.

Durante os anos de 1887-91, um milhão de homens casados sem filhos produziam anualmente 644 suicídios. Mas sobretudo a respeito da mulher que se manifesta claramente a pouca eficácia do casamento, quando não se encontra nos filhos, produzem 221 suicídios, diferente de mulheres solteiras entre as idades de 42 e 45 anos que ficam na faixa de 150 nesse mesmo ano (DURKHEIM, 2000, p. 226).

O suicídio familiar não está no topo da lista de suicídios frequentes, mas sim o dos solteiros. O indivíduo que tira a própria vida já faz parte da sociedade e não pode ser excluído por ela por motivos inapropriados ou insignificantes sem ser realmente estudado o problema. “A sociedade se opõe a que os indivíduos se furtem pela morte aos deveres que têm para com ela. A sociedade já não tem então, a autoridade para mantê-los em seu posto, quando eles desejam deserta-lo.”. (DURKHEIM, 2000, p. 258)

Desta forma, o suicídio egoísta é a morte por enfraquecimento dos grupos sociais em que o indivíduo se encontra, seja ele um grupo político, religioso ou familiar. O indivíduo vai sempre se encontrar no seu ponto de maior afastamento perante aos grupos que determinam certas regras para a sociedade, ou seja, se você não se encaixa, logo sofrerá suas consequências por suas escolhas.

A sociedade é nada mais nada menos que o fim do que nos tornamos, e onde cada indivíduo se prende de determinadas formas em uma busca por respostas de algo que talvez nunca encontre. Talvez esse indivíduo da sociedade esteja escapando dos seus objetivos ou até ficando sem eles. Por isso a depressão se

torna algo tão recorrente do desencanto, que vai acabando com o indivíduo de dentro para fora.

Diante das situações da vida, Émile Durkheim relata que por meio do suicídio altruísta, o ser humano deixa que a sociedade se imponha sobre ele. “Pois, assim que a sociedade começa a se constituir, o direito de viver é o primeiro que reconhece [...], portanto, estamos diante de um tipo de suicídio que se distingue do anterior por características nítidas”. (DURKHEIM, 2000, p. 274)

O suicídio altruísta ocorre, então, de maneira inversa ao suicídio egoísta, pois enquanto no suicídio egoísta o indivíduo se mata por estar completamente afastado do seu compromisso para com a sociedade, deixando de sofrer o efeito da coesão social presente na coletividade por conta de sua individuação exagerada, no suicídio altruísta o indivíduo se mata por se sentir no dever de cometer esse ato em prol do bem-estar da sua sociedade ou do grupo social no qual está inserido. (ALMEIDA, 2018, p. 124)

O suicídio altruísta é algo que ocorre porque o indivíduo se vê tão dentro da sociedade em que reside que quer se tornar parte dela, fazer algo por ela. Para a pessoa que não vê mais chance de viver e vê que não faz parte da sociedade acaba como o pensamento que está se matando para fazer um favor para a sociedade, como se pudesse salvá-la de algo muito pior.

O terceiro e último caso de suicídio relatado por Émile Durkheim é o anômico, que é uma mudança abrupta que ocorre em períodos de crises sociais. Para ele a anomia seria um estado marcado pela falta de regulamentação, paixões ilimitadas, um cenário potencializado da prática de suicídio. “Os suicídios de homens casados, em países que há muitos divórcios, aumentam o número de mortes voluntárias, constituem uma variedade do suicídio anômico.” (DURKHEIM, 2000, p. 349).

O suicídio anômico está ligado à transição da solidariedade mecânica, que significa uma sociedade que compartilha dos mesmo valores e religiões, para a sociedade orgânica, que são sociedades mais modernas em que os indivíduos podem ou não compartilhar das mesmas ideias, correspondendo a um período no qual a consciência coletiva e a moral estão enfraquecidas. (ALMEIDA, 2018, p. 125)

Émile Durkheim entende o suicídio como objeto de estudo de um fato social. De acordo com o autor os acontecimentos interferem exclusivamente na vida de

cada um e essa interferência causa danos na sociedade e na vida familiar do indivíduo afetado.

As questões que suscitam são solidárias dos mais graves problemas práticos que se colocam na hora atual. Os avanços anormais do suicídio e o mal-estar geral que atinge as sociedades contemporâneas derivam das mesmas causas. Quando esses sofrimentos se expressam pela boca de um teórico, pode-se achar que sejam exagerados. Só podemos, pois, barrar essa corrente de tristeza coletiva atenuando pelo menos a doença coletiva da qual ela é resultado e sinal. (DURKHEIM, 2000, p. 513).

O autor não vê a causa na sociedade capitalista, lembrando que o ano de análise do conteúdo é do século 19, ou seja, esse não é o principal motivo para o grande número de suicídios nessa época, porém ambas andam juntas para a formação de uma pessoa com pensamentos suicidas.

1.2 O suicídio na psicanálise de Freud

A depressão consiste numa realidade inquietante e ultrapassa a capacidade de ter uma definição de porquê e como isso acontece. A obra de Sigmund Freud, *Luto e Melancolia*, relata várias vezes que o luto vem por conta da sociedade em si ou por uma perda muito importante em sua vida. Isso não descarta o fato de que sob determinadas influências, muitas pessoas podem reagir de diferentes formas. O luto não acontece de maneira isolada, mas vem carregado de várias expectativas e frustrações que ocorreram na vida de um indivíduo.

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e auto insultos, chegando até a expectativa delirante de punição. (FREUD, 2013, ed. eletrônica. p. 28)

A perda na melancolia, diferentemente do luto, é problemática pois para o indivíduo que se identifica com objeto perdido, no intuito de tentar resgatá-lo e resguardar o amor antes a este dirigido, passa a ser alvo do ódio que tem de não o encontrar mediante a sua incapacidade. Este ataque do eu a si próprio é uma chave para a compreensão de Freud sobre o suicídio pois, segundo o autor, “o ego só

pode se matar se, devido ao retorno da catexia ²objetal, puder tratar a si mesmo como um objeto, se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto” (FREUD, 1996, p. 257).

Podemos também aplicar a melancolia de Freud em um objeto, uma pessoa amada, um emprego ou a passagem de um sonho não realizado. Esse objeto pode não ter se perdido completamente, mas algo dentro do indivíduo desapareceu ou morreu de alguma forma. Existe a diferença do indivíduo em compreender que o que ele sente é mera melancolia, mas à medida que ele se reconhece no “objeto” se torna consciente de que se não se reerguer ficará, talvez, nisso para sempre. É aí que diferenciamos a melancolia do luto, a melancolia, como já vimos, é algo relacionado à perda, mas que não afeta o consciente.

O melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego. O essencial, portanto, não é que o melancólico tenha razão em sua penosa autodepreciação, no sentido de que essa crítica coincida com o julgamento dos demais. (FREUD, 2013, p. 30 - 31)

De acordo com Pinheiro (2005), a perda é o cerne da comparação freudiana entre os processos de luto e melancolia. A diferença entre esses processos seria a forma de lidar com a perda. Uma mulher que se encontra submissa ao marido que a machuca, pois não quer perdê-lo, está completamente consciente do que faz e sabe que está adiando um fim mas quer continuar com ele, é uma mulher melancólica. No caso do luto, o processo se torna algo inconsciente, esse exemplo não teria como ser um processo de luto porque o fato da esposa sofrer agressões não permite negar o ato. Assim como a melancolia, o luto é a perda de interesse pelo objeto que é o amor que a pessoa tem pelo que se perdeu.

Por isso, quando existe uma disposição à neurose obsessiva, o conflito de ambivalência confere ao luto uma conformation patológica e o compele a se expressar na forma de autor

² Cartexia objetal significa o impulso e energia que são considerados como fenômenos intrapsíquicos. Aquilo que é catexizado são as diversas lembranças, pensamentos e fantasias do objeto, que compreendem o que chamamos representações mentais ou psíquicas. (PORTAL EDUCAÇÃO)

recriminações, de ser culpado pela perda do objeto do amor, isto é, de tê-lo desejado. (FREUD, 2011, p. 33)

É interessante destacar que a melancolia provém do ego que nos torna responsáveis por reorganizar em nossos conscientes determinados conteúdos. Diferentemente de pretender privar o sujeito melancólico de sua defesa, é necessário que o sujeito reflita sobre sua capacidade de analisar e recorrer ao seu psicológico para tomar determinadas decisões. “Essa perda é recorrente no discurso dos deprimidos e aparece como queixa da falta de sentido em suas vidas, uma falta atribuída a diversos fatos ou acontecimentos da vida desses sujeitos, tais como demissão do trabalho, decepção amorosa, separação conjugal, a violência do mundo”. (COSTA, 2015, p. 136)

O luto em comparação à melancolia vai além da dor de se perder algo, se torna algo que nem mesmo a dor pode ser nomeada para o fato ou sentimento. Já não pode se ver mais o que é real ou não, o que é verdade ou mentira, o sujeito perde a noção, ou seja o consciente, para o pensamento mais profundo que vem do seu inconsciente, é nesse caso que o indivíduo perde a noção e perde os sentidos de tentar de novo. A respeito da morte, Freud (1996) garante que “nosso inconsciente não executa o ato de matar; ele simplesmente o pensa e o deseja.”. (FREUD, 1996, p. 307)

Tanto a melancolia quanto o luto lidam com sujeitos que em algum momento se encontram frustrados pela perda de si próprios, refletidos em objetos, trabalhos ou indivíduos. O suicídio retoma a discussão de que o sujeito não consegue mais visualizar seu consciente e recorre ao inconsciente que também está abalado.

1.3 Causas e índices do suicídio em comparação entre o Brasil e os EUA

A série “Os 13 Porquês” teve origem nos Estados Unidos e por estar em uma plataforma streaming foi distribuída para vários países no mundo, incluindo o Brasil. Os dois países foram alvo de estudos entre 2017 e 2018 sobre o impacto da série no cotidiano das pessoas que viram o desfecho da história de Hannah Baker. Nos Estados Unidos, segundo o estudo do Journal of American Academy of Child and

Adolescent Psychiatry (2017), a taxa total de suicídio aumentou em 30% em mais da metade dos Estados dos EUA nos últimos 17 anos.

Dados de 2012 da Organização das Nações Unidas (ONU) relatam que mais de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos no planeta, sendo a segunda causa de morte entre adolescentes de 15 e 29 anos, além de que cerca de 75% vem de países com renda baixa. No mundo as principais formas de suicídio são por ingestão de pesticida, enforcamento e armas de fogo.

A cada 40 segundos, alguém no mundo interrompe a própria vida. Segundo a OMS (2016), o número de óbitos provocados pelo próprio indivíduo é significativamente maior que aqueles causados por homicídio: 800 mil por ano, contra 470 mil. No comunicado de 2016 a OMS reconheceu que o suicídio tem que ser uma prioridade global, e também pediu para que todos os países ficassem atentos aos casos e que reforçassem as estratégias para prevenir esse tipo de situação.

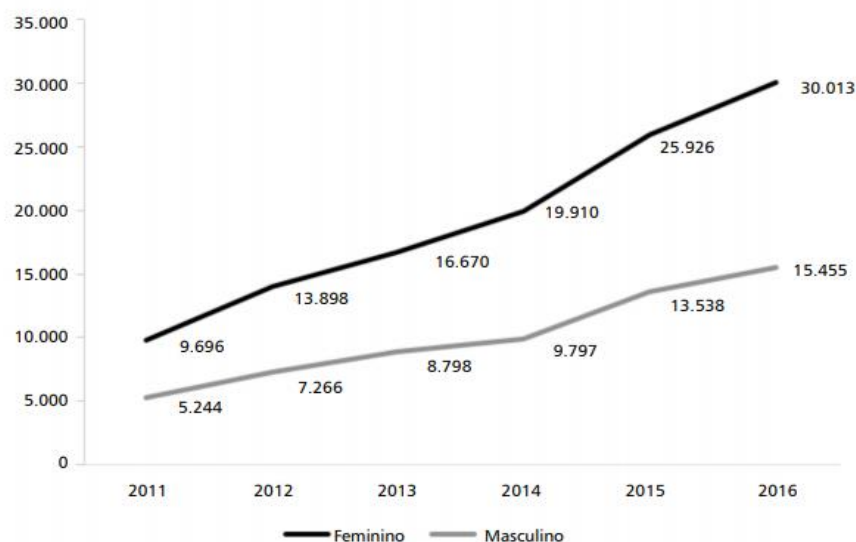
Segundo o mesmo relatório é possível identificar que os distúrbios mentais, com por exemplo a depressão e o abuso de álcool, são um dos principais causadores de suicídio no país. Dentre esses já citados são reconhecidos também as crises existenciais e o colapso de estresse, como término de relacionamentos. Não se pode esquecer que problemas relacionados à violência, abusos e discriminação estão nesse mesmo processo de reconhecer atos e propósitos suicidas. Nos últimos anos cresceu a taxa de suicídios referente a grupos vulneráveis que sofrem discriminação como grupos de lésbicas, gays, bissexuais, transgênicos e intersexuais (LGBTI), refugiados e migrantes.

O relatório também deixa claro que suicídios são evitáveis e que existe uma série de decisões que podem ser tomadas para evitar a tentativa dos indivíduos de tirar a própria vida incluindo a redução dos objetos que servem para o uso do ato. Outra possível maneira para amenizar o alto índice é cuidar dos meios de comunicação referentes a certas notícias e coberturas de assuntos delicados. Entretanto, também é importante que o indivíduo que esteja passando por qualquer tipo de problema relate à família ou a alguém que possa lhe ajudar, porque quanto antes forem identificados os pensamentos suicidas, melhor será a forma de tratamento.

Infelizmente, o Brasil não tem um plano de prevenção ao suicídio, entretanto, o documento está previsto para sair em 2020, tendo em vista que o país deve reduzir a taxa de suicídios para 10% conforme compromisso feito em conjunto com a OMS em 2016. Dados do Boletim Epidemiológico do Brasil (2017) descrevem que no período de 2011 a 2016 foram notificados 1.173.418 casos de violências interpessoais e autoprovocadas. Desse total, 176.226 (15,0%) foram relativos à prática de lesão autoprovocada, sendo 116.113 (65,9%) casos em mulheres e 60.098 (34,1%) casos em homens. Considerando-se somente a ocorrência de lesão autoprovocada identificaram-se 48.204 (27,4%) casos de tentativa de suicídio, sendo 33.269 (69,0%) em mulheres e 14.931 (31,0%) em homens.

Gráfico 1- Boletim epidemiológico do Brasil

Boletim Epidemiológico
Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde – Brasil



Fonte: Sinan/Ministério da Saúde.

Fonte: Ministério da Saúde, 2017

A análise das notificações de tentativa de suicídio em mulheres mostrou que 53,2% eram brancas e 32,8% negras (pardas ou pretas) os outras 14% a pesquisa não mostra de que cor/raça são. Quanto à escolaridade, 28,5% delas apresentavam ensino fundamental incompleto ou completo e 25,5% ensino médio incompleto ou completo. A ocorrência de tentativa de suicídio se concentrou nas faixas etárias de

10 a 39 anos, representando 73,1% dos casos. A presença de deficiência ou transtorno mental foi identificada em 25,5% dessas mulheres.

A grande maioria delas, 92,1%, residia na zona urbana (Tabela 1), e os casos se concentraram mais nas regiões Sudeste (44,8%) e Sul (33,4%) (Figura 2). Evidenciou-se que 88,9% dos casos ocorreram na residência, seguidos de 2,3% em via pública. Chamou a atenção o fato de 31,3% das lesões terem caráter repetitivo, embora fosse elevada a proporção de dados ignorados (27,9%). Somente 0,6% dos casos apresentavam alguma relação com o trabalho desenvolvido pela mulher.

Tabela 1- Suicídios divididos por faixa etária, cor e região

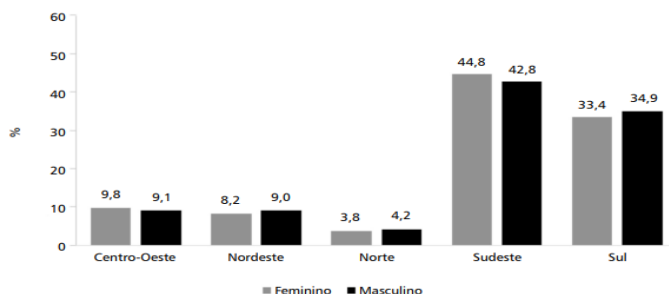
Características	Feminino (N=33.269)		Masculino (N=14.931)	
	n	%	n	%
Raça/cor				
Branca	17.689	53,2	7.792	52,2
Negra (preta + parda)	10.923	32,8	5.194	34,8
Amarela	207	0,6	79	0,5
Indígena	69	0,2	54	0,4
Ignorado	4.381	13,2	1.812	12,1
Escolaridade				
Analfabeto	178	0,5	123	0,8
Ensino fundamental incompleto	7.239	21,8	3.428	23,0
Ensino fundamental completo	2.236	6,7	1.054	7,1
Ensino médio incompleto	3.621	10,9	1.421	9,5
Ensino médio completo	4.841	14,6	1.963	13,1
Ensino superior incompleto	1.035	3,1	414	2,8
Ensino superior completo	990	3,0	364	2,4
Ignorado	13.028	39,2	6.109	40,9
Não se aplica	101	0,3	55	0,4
Faixa etária (anos)				
0-9	117	0,4	62	0,4
10-19	8.018	24,1	2.565	17,2
20-29	8.551	25,7	4.646	31,1
30-39	7.760	23,3	3.398	22,8
40-49	5.333	16,0	2.142	14,3
50-59	2.521	7,6	1.260	8,4
60 ou mais	968	2,9	858	5,7
Zona de residência				
Urbana	30.640	92,1	13.417	89,9
Rural	1.584	4,8	978	6,6
Periurbana	365	1,1	184	1,2
Ignorado	680	2,0	352	2,4
Presença de deficiência/transtorno				
Sim	8.499	25,5	4.138	27,7
Não	16.265	48,9	6.762	45,3
Não se aplica	11	0,0	5	0,0
Ignorado	8.494	25,5	4.026	27,0

Fonte: Sinan/Ministério da Saúde.

Fonte: Ministério da Saúde, 2017

Gráfico 2 - Saúde mental

Boletim Epidemiológico
Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde – Brasil



Fonte: Ministério da Saúde, 2017

No Brasil, o modelo de atenção à saúde mental, antes centrado em internações em hospitais psiquiátricos, foi redirecionado para serviços comunitários de saúde mental, de forma a se promover a garantia dos direitos das pessoas com transtornos mentais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017, p. 12).

Com os objetivos de ampliar o acesso à atenção psicossocial, articular ações entre os serviços e ações intersetoriais, regular e organizar as demandas e fluxos de assistência, a RAPS propõe a qualificação do cuidado, por meio do acolhimento e acompanhamento contínuo, considerando os diferentes níveis de complexidade de cada caso, bem como os grupos em situação de maior vulnerabilidade. A RAPS³ tem na sua composição a Atenção Básica em Saúde, Atenção Psicossocial Especializada, Atenção de Urgência e Emergência, Atenção Residencial de Caráter Transitório, Atenção Hospitalar, Estratégias de Desinstitucionalização e Estratégias de Reabilitação Psicossocial (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017, p. 13).

Um estudo realizado pela German Language School em 2017 descreve que as taxas de suicídio e tentativas de suicídio para cada município americano após o implantação do programa GLS⁴ para jovens de 16 e 23 tiveram taxas

³ Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), propõe um novo modelo de atenção em saúde mental, a partir do acesso e a promoção de direitos das pessoas, baseado na convivência dentro da sociedade. Além de mais acessível, a rede ainda tem como objetivo articular ações e serviços de saúde em diferentes níveis de complexidade.

⁴ É a escola da International House em Berlim. O Campus da GLS, escola de línguas em Berlim faz parte da World Study Educação Intercultural que, por meio do intercâmbio, entendido como uma ferramenta educacional, oferece opções de experiência internacional (intercâmbio)

significativamente menores de tentativa de suicídio entre os jovens desta idade no ano seguinte. Essa pesquisa teve como objetivo um estudo observacional de programas comunitários de prevenção do suicídio em jovens de 46 estados e 12 comunidades tribais.

O Brasil não é o único que enfrenta dificuldades de combater o aumento da taxa de suicídio, os Estados Unidos também enfrentam os mesmos problemas. Nos Estados Unidos os índices de suicídio estão aumentando cada vez mais. Um estudo feito pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) no ano de 2018, órgão do governo americano especializado em certos tipos de doenças, relata que a taxa de suicídio no país aumentou em 30% em mais da metade dos EUA de 1999 a 2016.

Nos Estados Unidos cerca de 45 mil pessoas se suicidaram no país desde o estudo realizado pela CDC. A pesquisadora Deborah Stone, em entrevista para a rede BBC em 2018, lembra que nos Estados Unidos certas regiões têm taxas mais altas de suicídio e que isso poderia se relacionar com a economia do país.

Desde de que a série *13 Reasons Why* foi lançada, alguns especialistas em saúde mental relataram que o suicídio da protagonista Hannah Baker pode dar incentivo aos telespectadores que a assistem. Em estudo lançado por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

O sucesso comercial do Netflix foi seguido por um debate acalorado sobre como ele aborda a história de um adolescente que comete suicídio depois de ser intimidado na escola. Vários especialistas argumentaram que o show poderia resultar em um aumento dos pensamentos e comportamento suicida, perguntando aos jovens como isso os afetou em relação ao bullying e identificação suicida (ZIMERMAN; CAYE; SALUM; PASSOS; KIELING 2018, p. 610)

Em um artigo publicado no site *The Conversation* (2017), um dos responsáveis pela pesquisa relata que a série “Os 13 porquês”, se tornou a série mais discutida do serviço streaming nas mídias sociais. Em maio (2017), o jornal *The Washington Post* relatou que os administradores escolares da Flórida destacaram comportamentos de automutilação a ameaças de suicídio entre seus alunos no período de lançamento da obra. Em junho, a revista *People* contou a

história de um jovem no Peru que tirou a própria vida, deixando para trás gravações de uma maneira que imitava o personagem principal da série.

Um porta-voz da Netflix disse em um comunicado que a empresa ouviu que o programa "abriu um diálogo" sobre os intensos temas descritos nele. A Netflix disse que adicionou avisos explícitos aos três episódios mais gráficos e está adicionando outro aviso antes do primeiro episódio. A declaração disse que também produziu um documentário sobre os bastidores sobre o programa chamado "Behind the Reasons". Nele, os atores e criadores indicam que consultaram profissionais de saúde mental sobre alguns aspectos do programa. (ZEITCHIK, 2017)

Independente do país de origem da série é possível concluir que ambos sofrem com os altos índices de suicídio no país. Diante disso, o incentivo a prevenção se torna ponto importante para o desenvolvimento de uma sociedade mais sensata. Antes de produzir uma série com o impacto tão grande na sociedade é necessário todo um estudo referente ao impacto que isso gerará na vida dos telespectadores e se isso fará bem para o país ou não.

A questão do suicídio no mundo é uma questão preocupante tanto para a saúde mental quanto para a economia de um país, ou seja, o indivíduo que tira a própria vida reflete, sem dúvida, na questão social e cultural de um ambiente. Por isso cada país tem seu plano de combate e prevenção ao suicídio, recordando que a OMS (2017) deixa claro que nessa batalha contra o suicídio da população mundial é necessário que os países se juntem para driblar os altos índices de pessoas que tiram a própria vida. Nos capítulos que se seguem retornaremos essas questões e apresentaremos a mídia como ferramenta de combate ao suicídio.

2. A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA

2.1 Ética no audiovisual e no meio jornalístico

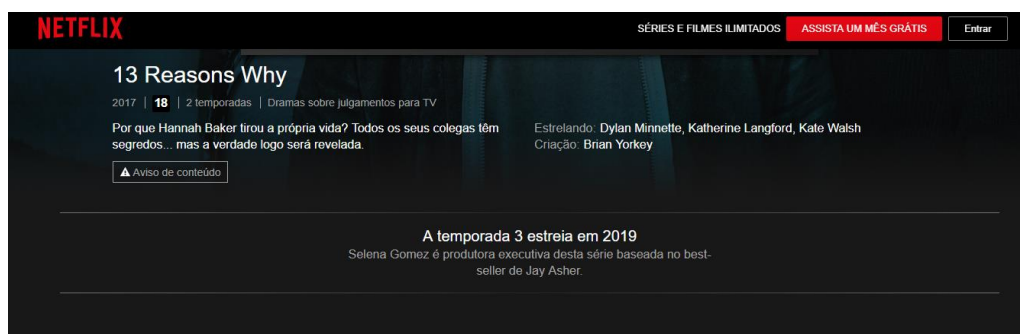
A série *13 Reasons Why* abriu espaço para perguntas sobre o suicídio de Hannah Baker e como ele foi representado, se realmente foi necessário a demonstração de tal violência contra o próprio corpo. O suicídio, como já discutido anteriormente, é um ato voluntário que induz o indivíduo a tirar a própria vida. Isso está cada vez mais comum na sociedade e, infelizmente, pouco se debate sobre o assunto. A série engajou uma discussão sobre a valorização da vida e o que cenas delicadas, como o suicídio da personagem principal, podem trazer de malefícios e benefícios para a sociedade.

De acordo com o Código de Ética da Associação Brasileira de Produção Audiovisual o produto audiovisual que possui o suicídio como tema deve tratar mesclando diversas maneiras de representar as imagens e sons

“O chamado universo do não-escrito, consubstanciado num conjunto de representações materializadas sob a forma de imagens fixas ou móveis (mediante processos fotográficos ou videográficos), e/ou sonoros, que veiculem mensagens compreensíveis, direta ou indiretamente, pelos dispositivos humanos de recepção visual e/ou auditiva” (CIRNE; FERREIRA, 2002, p. 116).

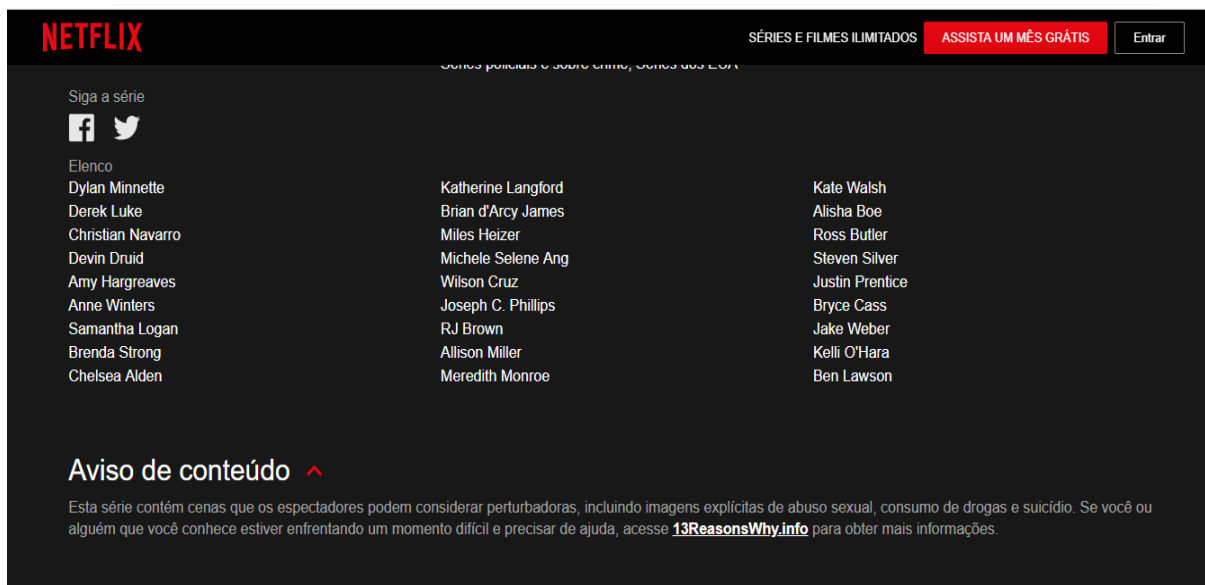
O próprio site onde foi lançada a série, Netflix, considera necessário a classificação indicativa, por isso, ao abrir a página é possível ver com total clareza a classificação de 18 anos e a descrição da série. É apresentado também uma aba de “aviso do conteúdo”, que exprime o conteúdo da série e a descrição resumida das cenas.

Figura 1 - Classificação indicativa e descrição da série



Fonte: Site Netflix. Acesso em: 12/04

Figura 2 - Aviso de conteúdo na aba do site



Fonte: Site Netflix. Acesso 15/04

Deve-se considerar também outros manuais referentes à produção de notícias com o tema suicídio, por exemplo, os da redação da Folha de S. Paulo, dos jornais O Globo, Estado de S. Paulo e Correio Braziliense, que tratam o tema de forma rasa, sugerindo que o suicídio seja noticiado apenas quando o fato tenha aspectos “fora do comum”.

De acordo com uma das colaboradoras da série, a atriz e cantora Selena Gomez, que teve parcela da participação na construção de uma nova perspectiva dada para a série, relata em vídeo disponibilizado pela Netflix sobre a forma de fazer o seriado, e que foi para prevenção do suicídio e para mostrar as dificuldades da adolescência.

Quisemos fazê-lo de uma forma sincera e honesta. Queríamos fazer algo que pudesse ajudar as pessoas, pois o suicídio nunca deveria ser uma opção. Quando algo é publicado na Internet, fica lá. Uma imagem pode dizer milhões de coisas diferentes, as pessoas inventam a sua própria história, ou a que acham melhor, e isso afeta-nos, magoa-nos. Essas coisas têm tratamento, a ansiedade tem, a depressão tem, a terapia pela conversa, clínicas, há milhões de formas de conseguirmos ajuda e não há mal nenhum em dizer que precisamos de ajuda. (GOMEZ, 2017)

O documentário produzido pelo mesmo site, Netflix, com o título “Tentando Entender os Porquês”, lançado logo depois da série ser disponibilizada na

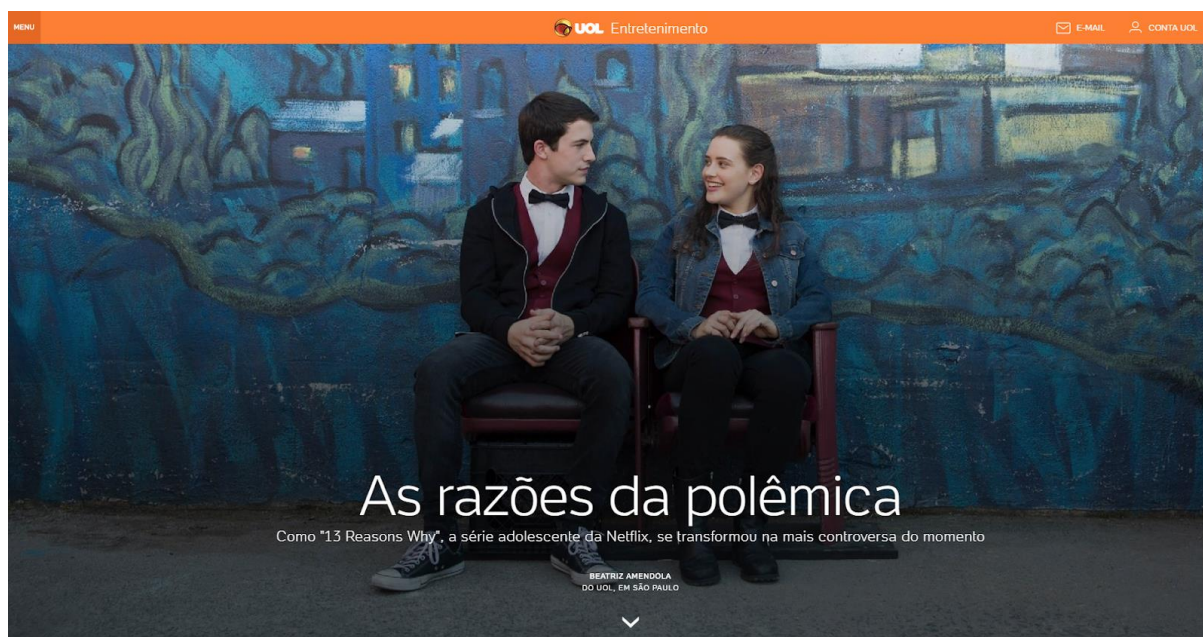
plataforma, com participação do elenco, da equipe de produção da série e da área da saúde.

No documentário é possível destacar os milhares de histórias de tentativas de suicídio que depois do lançamento da série foram compartilhadas e por isso o Manual

De Jornalismo é tão importante. Após o lançamento da série, vários portais de entretenimento e notícias divulgaram fatos sobre a mesma e também sobre o suicídio, dentre eles pode-se destacar o UOL, G1 por estarem em primeiro lugar nas pesquisas do Google⁵.

Nesse sentido, a imprensa também é responsável por essa prevenção e se revela como um sustentáculo potencial para disseminar a cultura do cuidado e do diálogo aberto em relação às mortes voluntárias e à expressividade dos suicídios na sociedade com a qual se comunica. Isso porque os meios de comunicação detêm uma dimensão simbólica de poder. (FRIEDRICH, REBOUÇAS, 2017, p. 2)

Figura 3 - Matéria do UOL



Fonte: Site do UOL. Acesso em 15/04.

⁵ Disponível

em: https://www.google.com/search?rlz=1C1GCEA_enBR811BR811&ei=4JrMXNOHNsaAtgXlxZjYCg&q=impacto+da+s%C3%A9rie+13+porques&og=impacto+da+s%C3%A9rie+13+porques&gs_l=psy-ab.3...3867.12867..13003...2.0..0.251.5578.1j18j10.....0....1..gws-wiz.....0..0i71j0i131j0i67j33i22i29i30j33i160j0i22i30.vsAbci-t12E

Acesso em: 15/04

As matérias do UOL (figura 3) e do G1 (figura 4), logo em seguida, procuram impactar o leitor, primeiramente, por meio do título já demonstrando o escândalo que foi a série para os meios televisivos e midiáticos. Entretanto ao longo das duas reportagens pode se ver uma grande preocupação dos veículos em mostrar uma visão menos ampla e mais detalhada da história de Hannah Baker. Os veículos terminam as matérias alertando o problema que é o suicídio na sociedade moderna e guiando o leitor aos sites de ajuda em casos como esse, que é essencial quando se relata casos de suicídio.

Figura 4 - Matéria do G1



Fonte: BBC, 2018. Acesso em 15/04.

O jornalista, em conjunto com o produtor audiovisual, tem responsabilidades de narrar acontecimentos que logo depois viram debates na sociedade.

“O jornalista que buscar informações sobre o tratamento que deve dar à informação ao realizar coberturas sobre o assunto irá se deparar, além das orientações repassadas oralmente através do trabalho diário, com pouco material disponível acerca do assunto ” (MOREIRA, PAULINO, 2014, p. 22).

Diante disso é de extrema preocupação o papel do audiovisual na narrativa e representação do suicídio da série “Os 13 Porquês”, pois a notícia, nesse caso, é um complemento do que foi passado em um portal streaming, que gerou tanta polêmica.

2.2 A influência da mídia sobre os adolescentes

A mídia é, como todo processo de desenvolvimento social, mais uma etapa a ser conquistada na industrialização para a propagação de informação. Desde 2016 a Pesquisa Nacional por Amostra e Domicílio (PNAD) em conjunto com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) investiga o acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel para uso pessoal. Identificou-se que no Brasil cerca de 43,3% dos domicílios particulares têm computadores em casa, já 15,1% tem tablets. Sobre o consumo de internet, a pesquisa relata que cerca de 64,7% das crianças de dez anos de idade, ou mais, usaram a internet nos três meses antes do levantamento.

Na pesquisa do IBGE é possível destacar que a grande maioria das pessoas, incluindo crianças e adolescentes, estão conectadas aos meios tecnológicos e por isso recebem e produzem informações diariamente. Entretanto, as crianças e adolescentes estão expostos a qualquer tipo de informação sendo ela boa, ou não, para o indivíduo que a assiste. Cada pessoa reage de uma maneira a um determinado programa de televisão ou mesmo a um jogo de computador, isso não quer dizer que ela vá copiar a cena assistida, mas há uma grande possibilidade de seu imaginário, como diz Freud (2013, p. 32), debater com seu inconsciente, produzindo assim um mundo interno que compete com o externo.

Os adolescentes estão, em parte, absorvendo um pensamento de invulnerabilidade (“isso nunca vai acontecer comigo”). Uma hipótese é que estes não se encontram, nesta faixa etária, plenamente capazes de distinguir ou mesmo de perceber claramente como seus comportamentos são influenciados pela mídia, através de filmes, novelas, séries, internet, dentre outros meios que fazem parte do cotidiano. (ALVES, 2016, p. 3)

Quanto mais as pessoas utilizam os meios de comunicação para se distrair mais esses meios estão influenciando nas maneiras de pensar e agir. A mídia é um canal que promove conteúdos de diversas categorias como, por exemplo, o suicídio. Como já foi visto anteriormente, a mídia tem um papel importante na influência em determinadas atitudes do ser humano, Freud (2013, p. 28) explica que “a mente traduz o que é visto e de maneira ingênua tenta copiá-lo.”

A adolescência é compreendida como um momento de um processo e, como tal, em construção, que pode ser diferente do que está sendo para o próprio adolescente e para uma sociedade. É entendido como não natural e universal, mas produto de sua história de vida, enquanto sujeito pertencente a um grupo social, a uma cultura, da qual recebe influência e sobre a qual age dialeticamente; não desenvolvimentista, pois cada sujeito o vivenciará de uma maneira, dependendo de suas interações sociais, do desenvolvimento de seus interesses. (FONSECA, COZELLA, 2010, p. 3)

A responsabilidade da mídia no combate ao suicídio adolescente é essencial para o combate da prática. O adolescente se encontra em uma etapa, como já foi dito, de vulnerabilidade e por isso é capaz de não distinguir o que vale assistir ou não. Nesta etapa, o indivíduo não vê tudo com clareza e procura pensar só no presente, não em algo prolongado, talvez pela ausência de vínculos educativos como uma conversa em família ou em grupos escolares. Se o indivíduo não se sente confiante para decidir ou realizar algo, a mídia pode lhe mostrar uma solução que nem sempre será a melhor (ALVES, 2016, p. 4).

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (GREGOLIN, 2007, p. 16)

A mídia formula pensamentos que convergem com o presente e o futuro, por isso é tão sujeita a diversas interferências sociais. A adolescência é uma etapa de autoconhecimento e também está bombardeada por discursos de diversos tipos, tanto pela televisão como pela internet. Há um papel muito importante de como a mídia deve veicular determinados conteúdos, mas é papel também da sociedade deixar de lado determinados “tabus” como o suicídio.

Os meios de comunicação levam à padronização de necessidades, desejos e fantasias sexuais e enfatizam sentimentos e comportamentos de inadequação, e baixa autoestima corporal decorrentes de comparações com os padrões de estética e beleza ditados por eles. (OLIVEIRA, 2008, p. 4)

Como em toda sociedade há uma ampla derivação de assuntos, a mídia acaba se torna rápida para propagar determinados temas. Quando se trata de uma situação tão delicada como o suicídio adolescente, esta condição tem que ser analisada a fim de reduzir a proliferação de pensamentos e atitudes como a de tirar a própria vida. Hannah Baker, da série *13 Reasons Why*, representou o desafio adolescente em conviver em uma sociedade repleta de regras e estéticas que ela não soube suportar. É o que acontece com a maioria dos adolescentes que procuram se instalar em um grupo social e, quando não conseguem, percorrem um caminho para redescobrir sua identidade, afetando o lado físico e emocional do indivíduo.

2.3 O audiovisual na representação do suicídio

Como já foi dito anteriormente, o papel da mídia na prevenção do suicídio também faz parte do processo de transformação da sociedade. Em 1999, a OMS lançou um dos primeiros manuais sobre a prevenção do suicídio no mundo, chamado de *Suicide Prevention* (SUPRE), com o foco principal em reduzir a mortalidade e mobilidade devido ao comportamento suicida, quebrar o tabu em torno do suicídio e reunir autoridades nacionais e o público para superar este tipo de desafio.

Em 1982, um artigo para o *American Journal of Sociology* relata o impacto das histórias de suicídios na televisão ficcional desde 1977, e identificou que grande parte das mortes veio da influência das histórias da televisão. Estes aumentos aparentemente ocorrem porque as histórias de suicídio em novelas desencadeiam suicídios imitativos e tentativas de suicídio, algumas das quais disfarçadas como acidentes.

Essa previsão pode ser aprimorada se levarmos em conta as conclusões de pesquisa anterior, que mostrou que as mortes aumentam marcadamente no terceiro dia após uma história de suicídio não-ficcional e relativamente pouco nos outros dias da semana experimental. Esta evidência sugere que há um atraso de três dias na resposta imitativa ao suicídio publicitado (PHILLIPS, 1982, p. 1344).

Nas obras literárias, uma das principais leituras sobre a questão do suicídio é “Os Sofrimentos de Werther”, de 1774, de Johann Wolfgang von Goethe. Nele o

jovem Werther acaba se matando com um tiro na cabeça por conta dos sofrimentos causados durante sua vida como o amor por Carlota. Depois que o livro foi lançado várias pessoas cometeram suicídio da mesma forma que Werther (1775), e isso se tornou um marco na literatura estrangeira.

Nessa mesma linha de raciocínio, analisando como a mídia tem um papel importante na representação do comportamento humano, pode-se destacar a obra de Arthur Dapieve (2007), que explica como o valor da notícia tem poder sobre a população e influencia também as obras literárias. Nessa mesma obra de Dapieve é bem clara a dificuldade de se noticiar, em geral, as formas de suicídio. O autor lembra que, muitas vezes, as explicações para o ato de tirar a própria vida vêm do desespero e da depressão e acredita que os meios de comunicação têm um papel importante na propagação de suicídios em todas as épocas. Em seu estudo, o jornalista ainda menciona Albert Camus para evidenciar a importância de se discutir o suicídio: "Existe apenas um único problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida significa responder à questão fundamental da filosofia.", retirada de O mito de Sísifo, obra dedicada ao suicídio e os vínculos com o absurdo (CARVALHO. 2007, p. 3).

Em torno da notícia de uma morte voluntária nas sociedades ocidentais, entretanto, costuma haver um silêncio que expressa algo difuso, mas não menos eloquente, derivado das crenças conjugadas de que o suicídio pode ser, de certa forma análogo à dos "portadores sadios" de uma doença; e de que meios de comunicação de massa podem ser, pela própria natureza de sua função, os vetores deste tão temido contágio (DAPIEVE, 2007, p. 14).

Pode-se destacar também que na obra de Camus "O autor exemplifica o absurdo utilizando-se do Mito de Sísifo, que, diga-se de passagem, não é qualquer mito, mas o mito definitivo para que exista a compreensão da condição humana articulada com a questão do suicídio." (BISPO; ROSA, 2013, p. 22).

Os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança (CAMUS, 1942, p. 161).

Camus afirma que é muito complexo tratar com a confirmação de viver logo depois ter a confirmação de que não vale mais lutar pela própria vida. Para ele a dificuldade não está na filosofia, mas sim do que fazemos dela.

Posso tratar agora da noção de suicídio. Já se sentiu que solução é possível lhe dar. Quanto a isso, o problema está invertido. Trata-se, anteriormente, de saber se a vida devia ter um sentido para ser vivida. Aqui fica parecendo, ao contrário, que ela será vivida melhor ainda se não tiver sentido. Viver uma experiência, um destino, é aceitá-la plenamente. Ora, não se viverá esse destino, sabendo-o absurdo, se não se faz tudo para manter diante de si esse absurdo aclarado pela consciência. Negar um dos termos da oposição de que ele vive é escapar-lhe (CAMUS, 1942, p. 41).

Saindo da história filosófica de Sísifo e voltando para o suicídio na mídia, é possível destacar que a maioria das pessoas que consideram tirar a própria vida são indecisas diante do ato. De acordo com o Manual para Profissionais da Mídia sobre a Prevenção ao Suicídio (2000) as pessoas que tomam determinadas decisões ainda têm dúvidas do que realmente vale a pena fazer.

Elas não estão certas se querem realmente morrer. Um dos muitos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre os suicídios. A maneira como os meios de comunicação tratam casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios (BERTOLOTE, 2000, p 3).

De acordo com esse mesmo manual é possível diminuir a propagação indevida sobre suicídios em noticiários e na televisão. Para determinados jornais o tema “suicídio” precisa de uma atenção maior por ser algo tão importante para a sociedade, mas quanto mais for noticiado, mais se envolve na vida das pessoas e fere seu psicológico. “Os suicídios que mais provavelmente atraem a atenção dos meios de comunicação são aqueles que fogem aos padrões usuais. Na verdade, chama a atenção o fato de que os casos mostrados na mídia são quase que invariavelmente atípicos ou incomuns.”. (BERTOLOTE, 2000, p. 4)

No mesmo manual há uma divisão bem exemplificada sobre como notícias sobre o suicídio devem ser relatadas e especifica alguns cuidados que o profissional deve ter.

As estatísticas devem ser interpretadas cuidadosamente e corretamente; expressões como “epidemia de suicídio” e “o lugar com a mais alta taxa de suicídio do mundo” devem ser evitadas e deve-se

abandonar teses que explicam o comportamento suicida como uma resposta às mudanças culturais ou à degradação da sociedade. Já para casos mais específicos de suicídio como no caso de coberturas envolvendo celebridade além disso, manual deixa bem claro que o sensacionalismo deve ser assiduamente evitado e que a cobertura deve ser minimizada até onde seja possível. Qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser trazido à tona. Todos os esforços devem ser feitos para evitar exageros. Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. (ORGANIZAÇÃO MUNDIA DA SAÚDE, 2000, p.7)

Pesquisas como a da Associação Americana de Suicidologia, da Rede Australiana de Intervenção Precoce para Transtornos Mentais na Juventude e da Academia Internacional para Pesquisa sobre Suicídio (2000) mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nas maneiras diversas de cometer o suicídio. O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista, ele nunca é o resultado de um evento ou fator único, normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes, entre outros.

É importante destacar que o manual é feito para os profissionais da área da mídia e demonstra o poder que esta tem perante as pessoas, por isso é necessário que, ao divulgar notícias sobre suicídios, apresentar também uma informação sobre os serviços que estão disponíveis na região para seu combate.

3. OS TREZE PORQUÊS

3.1 O Sofrimento de Hannah Baker

A série *13 Reasons Why*, de 2017, é uma adaptação produzida pela Paramount Television de uma versão do livro *13 Reasons Why*, de Jay Asher (2007), para a plataforma streaming, que ganhou muita fama por se tratar de um gênero adolescente. A história ganhou muita repercussão nas redes sociais e em sites de entretenimento por se tratar de uma série que aborda a vida de Hannah Baker que por 13 motivos tira a própria vida.

Hannah Baker se suicida e deixa 7 fitas K-7 enumeradas uma a uma até ser finalizada com o 13 depoimento da jovem que conta as 13 razões que a levaram a morte. A série é acompanhada pelo personagem Clay Jensen que recebe as fitas em uma caixa pelo correio e ouve cada história contada pela jovem lentamente.

A série procura trabalhar os motivos pelos quais a protagonista decide cometer suicídio, tendo a primeira temporada 13 capítulos divididos narrativamente em fitas cassetes em que Hannah conta sua história. Diante de várias situações cotidianas da adolescência, como o autoconhecimento, etapa escolar e novos amigos, a protagonista se vê tendo que se adaptar às novas fases, entretanto a série deixa claro que existem situações que vão muito além do autoconhecimento e que está muito mais presente na sociedade atual que se imagina.

As interações entre fatores internos e externos existe sempre. Um ser humano pode não ter forças para enfrentar desafios e pressões externas, ou porque estas são muito intensas, ou porque suas forças internas estão prejudicadas, ou pela soma de ambos os fatores. (CASSORLA, 1984, p. 13)

O seriado, além de tratar de temas delicados, como os já citados anteriormente, aborda o suicídio como alvo principal, de acordo com a OMS a abordagem do tema principal, o suicídio, pode agravar o quadro emocional juvenil e assim aumentar o índice de pessoas com problemas emocionais relacionados com a série. Séries com temas relacionados ao suicídio tem uma grande influência sobre as pessoas, gerando um *Efeito Wether*, que é derivado do romance de Johan Goethe (1994) que relata o suicídio de um jovem por conta de amor. Esse efeito

consiste no se envolver com o sofrimento de alguém a tal ponto que isso influencia na vida de quem está só assistindo ou lendo

A ocorrência de eventos traumáticos ou estressores é comum durante o desenvolvimento humano, porém, o efeito cumulativo ao longo da vida de situações traumáticas intensifica as chances de manifestação de psicopatologia (DEKOVIC, 1999, p 978)

A protagonista no começo da série relata ter dificuldade de entrar em um novo colégio já nos primeiros episódios e sente dificuldade de interagir com as pessoas ao seu redor, isso é um exemplo explícito de um indivíduo egoísta e sucessivamente resultando em um suicídio egoísta, nomeado por Émile Durkheim, que consiste em um indivíduo que é geralmente não está devidamente integrado à sociedade. Esse indivíduo egoísta se encontra afastado de grupos sociais e quando se sente acolhido por alguma pessoa seu interior não parece estar confortável. Ao longo do tempo Hannah Baker se encontra diante a dilemas entre amigos e família, que a faz afastar-se, não porque a protagonista quer que isso aconteça mas entende que é preciso que ela se afaste para que os outros vivam a vida deles o namoro entre Jessica Davis e Alex Standall, protagonizados por Alisha Boe e Miles Heizer, Alex Standall, que ambos eram amigos de Hannah e se tornam namorados, a protagonista se afastar para não incomodar o relacionamento entre os dois e seus amigos fazem o mesmo.

O suicídio de Hannah é desvendado ao longo de toda a série por Clay Jensen, seu amigo, protagonizado por Dylan Minnette, que escuta todos os relatos por meio de fitas cassetes enumeradas uma a uma pela própria protagonista. Hannah descreve o mundo em que ela viveu que Clay não conseguia enxergar e como pessoas horríveis e desconhecidos passaram a ser “acusadas” pela sua morte.

É possível que as moças suicidas fantasiassem, como é comum, a reação dos vivos à sua morte - essa fantasia implica mais vida que morte: na verdade, a fantasia da morta é de que pode “ver” a reação dos vivos, pode “perceber” os sentimentos de tristeza, remorso e culpa dos sobreviventes, como se ela estivesse viva (CASSORLA, 1984, p. 31).

Por meio das fitas, Hannah descreve pessoa por pessoa que lhe fez mal, e faz questão que quando for a hora, que essas fitas sejam entregues a cada indivíduo que esteja nela. A série foi montada em um sistema entre o passado e o presente, é possível ver a mudança por meio das cores vivas, onde são contados os fatos que já se passaram e as cores frias onde são contados os fatos no presente. Também é possível distinguir as duas fases por meio do personagem Clay, que se depara entre o passado e o presente ao longo do tempo em que vai escutando as fitas. Para a protagonista todos precisavam ouvir as 13 gravações para saber que suas ações fizeram parte da vida da menina, que com 17 anos tirou a própria vida.

A progressão dos acontecimentos narrados sugere a complexidade dos fundamentos da morte da intérprete principal: o distanciamento familiar; as inseguranças e incertezas próprias da adolescência; o bullying e a violência; a negligência escolar; e, por fim, a solidão (NARDI; BRIGAGÃO, 2018, p. 4).

Hannah Baker tinha um conjunto familiar em que seus pais a amavam e que demonstram ao longo dos capítulos da série serem preocupados com a família, entretanto a situação fica um pouco mais difícil a partir do momento em que os pais de Hannah, Olivia Baker e Andy Baker começam a passar por problemas financeiros que começam a desestabilizar a família. Donos de uma farmácia, precisam reconquistar a clientela que preferem farmácias de um nível mais alto e por isso os pais de Hannah começam a enfrentar dívidas para manter o estabelecimento aberto e diante de todos os problemas não conseguem enxergar o pedido de ajuda da filha. “A verdade é que o fator essencial da imunidade das pessoas casadas é a família, ou seja, o grupo completo formado por pais e filhos. ” (DURKHEIM, 2000. p 242). Hannah demonstra preocupação com os pais e faz de tudo para ajudar, mas não tem forças para continuar e suas tentativas não levam a nada.

A protagonista também sofre por ter fotos suas íntimas compartilhadas na internet para toda a escola pelo aluno Justin Foley, protagonizado por Brandon Flynn. Esse é o primeiro conflito que Hannah Baker sofre no começo de sua vida na nova escola, ao longo do capítulo a protagonista sofre outro ataque cibernético com fotos pessoais dela expostas em momentos íntimos com sua amiga Cortney Crimson, que sofre por ser homossexual.

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a

mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo ” (DEBORD, 1997, p. 30).

Como todo dilema adolescente, Hannah também sofre com dilemas amorosos, por não ser correspondida por um amigo de classe, Zach Dempsey, o menino popular da escola, que sente carinho pela protagonista mas tinha vergonha de demonstrar na frente das pessoas. Hannah tem dificuldade de entender o porquê Zach é um menino fechado, ao que tudo indica de o garoto sofre com o instinto protetor e pressão de sua mãe, que o torna arrogante. Zach não admite gostar de Hannah e isso a deixa arrasada.

A série, como já foi dito anteriormente, lida com várias questões da adolescência, alguns personagens além de fazerem parte da vida de Hannah tem sua vida compartilhada com os telespectadores que se identificam com os personagens representados na série. Não se pode esquecer de uma das principais causas dadas pelo suicídio de Hannah, Bryce Walker que a abusa sexualmente não dando a chance da protagonista principal se defender.

Nada é mais diferente dela que o próprio fenômeno individual: o suicídio. Muito longe de ser a negação da vontade, esse fenômeno supõe uma enérgica afirmação da mesma. Pois a essência da negação não consiste em odiar o sofrimento, mas os prazeres da vida. O suicida quer a vida, simplesmente está insatisfeito com as condições em que ela se apresenta. Daí que ao destruir o fenômeno individual não elimine de modo algum a vontade de viver, mas somente a vida. Ele quer a vida, quer uma existência e afirmação do corpo sem obstáculos; mas a coincidência de circunstância não o permite, o que provoca nele um grande sofrimento. A vontade de viver se encontra tão impedida nesse fenômeno individual, que não pode desdobrar sua aspiração. [...]. Assim pois, a vontade de viver aparece tanto nessa autodestruição (Siva) como no bem-estar da autoconservação (Visnú) e no prazer da procriação (Brahma). (SCHOPENHAUER, 2009, p. 471)

Por fim, a série procura demonstrar as fragilidades do campo juvenil e descreve a partir da série, como os meios de comunicação podem ser influenciadores no meio adolescente. Além dos dilemas adolescentes o seriado explica que o suicídio não deve ser romantizado e que é um sofrimento para o que se vai e para os que ficam.

3.2 Análise midiática sobre o tema suicídio

De acordo com o relatório da Associação Médica Americana JAMA Internal Medicine (2017), o impacto da série na população mundial gerou cerca de 60 mil reportagens, incluindo textos sobre saúde pública. Depois do lançamento da série a procura pelo tema na internet aumentou cerca de 19%, nos Estados Unidos. Segundo a pesquisa do JAMA, feita por meio da plataforma Google Trends, entre os meses janeiro e março que antecederam a série e abril no mês de estreia.

A pesquisa monitorou os 25 principais termos e os próximos cinco termos mais em 2017 relacionados ao tema suicídio. As consultas de suicídio foram divididas pelo número total de pesquisas por cada dia e, em seguida, dimensionadas para variar de 0 a 100, por exemplo, 50 indica 50% da maior proporção de pesquisa. A procura sobre como prevenir o suicídio aumentou 23%.

Os jornais e noticiários criam notícias com o objetivo de impactar as pessoas que fazem questão de parar em algum momento sua vida para prestar atenção em alguma história ou relato que elas consideram importante. Por isso as notícias são geradas para entreter e produzir uma discussão sobre um determinado assunto, o indivíduo que está diante de uma notícia tende a discuti-la com seu grupo social e expandir seu ponto de vista sobre o assunto formando então, uma espécie de opinião coletiva sobre essas notícias.

As pessoas pertencem a grupos, dos quais agem como ponto de referência para a tomada de decisões. No entanto, a mídia apresenta à sociedade produtos e serviços que atuam na mente dos indivíduos despertando o desejo de consumo, e neste, muitas vezes o desejo vai além das necessidades de sobrevivência, mas atua como necessário para que o indivíduo sinta que pertença à um grupo. Entende-se que os consumidores sofrem influências midiáticas e sociais para consumir aquilo que está em alta nos assuntos da mídia e que faz parte da opinião pública. (MIRANDA; SOUZA, 2017, p. 1)

O espetáculo, segundo Debord (1997), é uma ilusão propagada através dos meios de comunicação de massa que pressupõe o reconhecimento do espectador aos assuntos divulgados pela mídia. (COMUNICON, 2018, p. 3). Dessa forma, “[...] quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo.” (DEBORD, 1997, p. 24).

A Netflix é uma empresa que oferece serviços de televisão online por meio de tecnologia *streaming* e tem contribuído para as mudanças na forma como as pessoas consomem produtos televisivos. Para Debord, 1997 o espetáculo só acontece porque a sociedade se deixa consumir e carrega várias problemáticas sociais. Quando o espetáculo é exposto o indivíduo se torna vulnerável àquela situação e nesse caso “o objeto que era prestigioso no espetáculo torna-se vulgar na hora em que entra na casa desse consumidor, ao mesmo tempo que na casa de todos os outros. Revela tarde demais sua pobreza essencial, que lhe vem naturalmente da miséria de sua produção.” (DEBORD, 1997, p. 46).

Algumas estratégias e ações adotadas pelos meios de comunicação, como o acionamento de circuitos, por exemplo, fazem com que temáticas como o suicídio tenham mais evidência em alguns determinados momentos na sociedade do que em outros. Foi o que aconteceu em 2017 com a produção pelo Netflix da série dramatúrgica *13 Reasons Why*, que traz consigo uma narrativa espetacular e, por vezes, se distancia da realidade e do comportamento suicida. (COMUNICON, 2018, p. 2)

A mídia tem o poder de gerar novos pontos de vistas e agendar discussões pertinentes no cotidiano da sociedade, “as pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função do que a mídia veicula” (BARROS FILHO, 2003, p. 169). Nesse caso a mídia tem total poder de organizar certos assuntos para que eles continuem produzindo mais opiniões e aumentando o grau de procura do determinado jornal que produziu a matéria. Todo o processo de agendamento da notícia é chamado de *agenda-setting*, é o poder que a mídia tem de definir os temas que serão discutidos pelos indivíduos em seus grupos sociais

A série *13 Reasons Why* contou com a divulgação da Netflix, com imagens e os vídeos promocionais da série, principalmente nas redes sociais. Desde seu lançamento, a série foi considerada polêmica, por abordar temas como suicídio, depressão e *bullying*, e teve grande repercussão ainda durante os primeiros meses de estreia, cerca de 293 matérias no Brasil sobre o assunto, sendo considerada controversa pois divide opiniões positivas referente ao número de chamadas por ajuda pelo CVV e negativas pelo fato de romantizar a cena de suicídio.

A história de Hannah Baker é construída por meio de uma narrativa dramática e isso gerou um impacto nas redes sociais entre pessoas que defendem o

posicionamento da mídia perante a série, mas que os episódios relembram que é necessário ter mais discussão sobre o assunto e que deixa muitos potenciais suicidas e seus familiares sem esclarecimentos sobre o problema, que é mundial e cada vez mais forte no Brasil. Do outro lado, tem os que se indignaram com *13 Reasons Why*, relatando que a forma como foi produzida é irresponsável além de ser um gatilho para um provável suicídio. (MIRANDA, SOUZA, 2017, p. 8), relatando que o suicídio pode ser algo normal e bonito. A série se tornou irresponsável pelo fato de enfatizar o suicídio da personagem principal. As críticas negativas veem na "glamourização" do suicídio e na utilização do autoextermínio como instrumento de vingança fatores de propensão ao chamado *Efeito Werther* e por ir contrária ao que mostram os manuais que discutem a prevenção do suicídio na mídia.

Tabela 2 – Matérias durante os meses de estreia da série

Tema da Notícia	Resumo	Quantidade de matérias
Centro de Valorização à Vida (CVV)	Matérias que abordam o aumento de ligações e procura ao CVV.	24
Precisamos Falar sobre Depressão, Bullying e Suicídio	A importância de falar sobre o assunto como problema social. A sociedade precisa discutir estes temas e reconhecer que são sérios.	42
Netflix e a "romantização" do suicídio	Abordam a série de forma negativa, consideram irresponsabilidade da Netflix mostrar cenas explícitas, pois podem incentivar pessoas a cometerem suicídio.	26
A Polêmica por trás das cenas Gráficas	Tratam da polêmica sobre as cenas gráficas de suicídio e estupro retratadas nas séries.	20
Popularidade de 13 Reasons Why	Mobilização de fãs e citações em redes sociais.	26
2ª Temporada de 13 Reasons Why	Especulações e opinião de roteiristas e produtores sobre uma possível nova temporada.	38
Selena Gomez e Atores da série 13 Reasons Why	Matérias em torno dos atores da série e da Cantora e Produtora da série Selena Gomez.	87
Resenha da série 13 Reasons Why	Resenha da série de modo imparcial.	8
Livro 13 Reasons Why	Matérias que citam o livro que inspirou a série.	6
Outros	Matérias aleatórias, sem grande relevância, que citaram a série e não se encaixam em nenhuma opção acima.	16
Total		293

Fonte: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017. De Sheyla Pereira de Miranda e Josyane Lannes Florenzano de Souza. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2200-1.pdf>. Acesso em 01/05

Segundo uma pesquisa realizada pela Fizziology, ⁶, uma empresa norte americana que realiza pesquisa em mídias sociais, na primeira semana a série alcançou mais de 3,5 milhões de menções nas redes sociais, fazendo da série o programa com mais engajamento da Netflix. Um levantamento realizado pelo Comunica Que Muda⁷, treze dias antes da estreia da série, 31 de março e 7 de abril, nas redes sociais do Brasil haviam 20 mil menções sobre suicídio. Treze dias após a estreia, as menções subiram para 269.109 mil. De acordo a BBC Brasil, na terceira semana de abril, entre os dias 16 e 22 as buscas no Google pelo termo “suicídio” aumentaram em 100% se comparadas com o mesmo período em 2015.

Dez dias antes da estreia da série, a procura pelo termo era baixa, conforme pode ser observado na Figura 2 - Interesse ao longo do tempo no Google Trends para *13 Reasons Why*. A partir da estreia da série, iniciou-se um crescimento nas buscas. O aumento foi registrado no dia 09 de abril, nesse período as matérias veiculadas foram a respeito da popularidade da série e algumas sobre a romantização do suicídio e a importância de falar sobre bullying e depressão. (MIRANDA, SOUZA, 2017, p. 12)

Gráfico 3 – Interesse na série ao longo dos meses de abril a maio



Fonte: Google Trends. Acesso em: 01/05

⁶Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/13-reasons-why-serie-e-o-maior-sucesso-da-netflix-nas-redes-sociais>. Acesso em: 01/05/19

⁷ Comunica que muda é um blog que trata de temas importantes e bastante debatidos sobre mudanças positivas e negativas no mundo. Disponível em: <https://www.comunicaquemuda.com.br/35888-2/> Acesso em 01/05/19

Ao apresentar uma problemática recorrente em nossa sociedade, a série 13 Reasons Why proporciona o desenvolvimento de diferentes opiniões na esfera pública. Mesmo dividindo pontos de vista sobre a importância e a real necessidade de falar sobre a questão, a série conseguiu ter uma grande repercussão no Brasil e no mundo. (COMINUCON, 2018, p. 12)

Podemos dizer que propagação da série se deu pela ampla variação de conteúdo, que demonstra a necessidade da sociedade do século 21 de obter conteúdo e notícias a todo momento. As pesquisas foram feitas com o intuito de observar o resultado nas pessoas sobre assuntos que a mídia não costuma cobrir com frequência, mas que uma empresa de streaming resolveu abordar de maneira diferente e talvez exagerada (MIRANDA, SOUZA, 2017). O resultado foi que cerca de 60,1% dos participantes da pesquisa já assistiram a série e que é explícito que as pessoas consomem e assistem Netflix diariamente e que é significativo o interesse dos indivíduos que assistiram a série e propagaram o conteúdo. A pesquisa reflete o desempenho da mídia na vida das pessoas e destaca a teoria do agendamento no processo de produção de conteúdo.

3.3 A Netflix e a campanha sobre suicídio no Brasil

A plataforma *streaming* Netflix ganhou fama por ser de fácil acesso e por ter variados filmes e séries de atores e diretores renomados, e também por atender todos os tipos de gêneros e não ter comerciais. “O streaming, por exemplo, é uma tecnologia muito ágil, uma vez que evita o processo demorado do download dos conteúdos compartilhados online”. (SCHIONTEK; COHENE; BUIATTI, 2017, p. 1)

Os consumidores não são mais como eram antes, um dos principais motivos seria pelo fato da sociedade se tornar cada vez mais impaciente, imediatista e momentânea, por isso as novas tecnologias tiveram que se adequar ao rápido consumo de informações. A Netflix propõe em seu site oficial que oferece um serviço de transmissão online por um preço mensal, além de garantir um preço acessível a todos.

Considerando a linguagem audiovisual como um conjunto de códigos compartilhados baseados no som e nas imagens em movimento, atualmente, a vemos ampliando-se em um processo de convergência de tecnologias, que culminam na tecnologia digital, enveredando por diversos caminhos –

virtuais, simulatórios, interativos, hipertextuais, etc, buscando manter através de seus sistemas de signos a possibilidade de codificação e consequentemente, de sistematização pelo espectador. (DURAN, 2010, p. 12)

Com o lançamento de tantas séries em sua plataforma a Netflix obteve várias críticas positivas e negativas, inclusive sobre a série *13 Reasons Why*. As cenas são polêmicas e inconstantes, pois mostram detalhadamente o automutilamento da personagem.

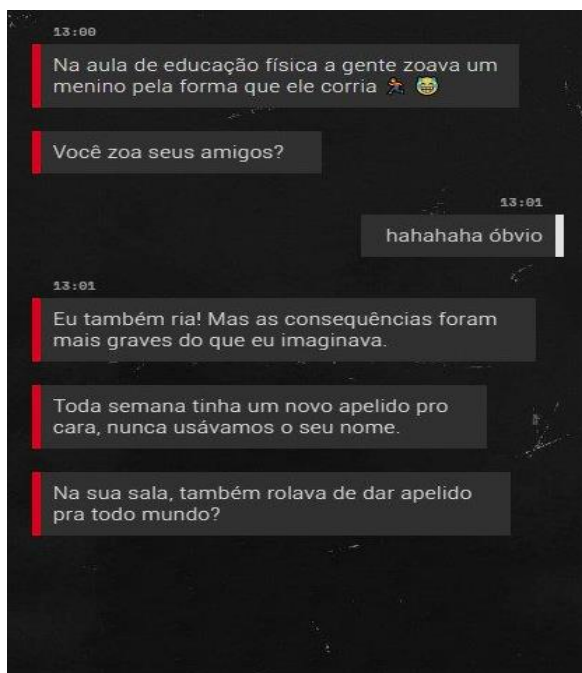
Diante dessa polêmica, horas depois da estreia da 1ª temporada a Netflix lançou algumas campanhas sobre a prevenção do suicídio. Nas próprias cenas anteriores ao começo de cada episódio a Netflix lança um alerta aos telespectadores que pretendem vê-lo. Depois da série ganhar repercussão tanto positiva quanto negativa transformaram a série em incentivo para prevenção do suicídio, bullying e depressão, por meio de hastags, fotos, vídeos e a formulação de um site próprio que indica sites de busca por ajuda psicológica em que a Netflix construiu uma ação global de incentivo à vida. Por isso criaram a hashtag “não seja um porque” com o intuito de conscientizar as pessoas sobre seus atos.

3.4 Não seja um porque (Twitter)

A criação da Hashtag “não seja um porque” veio para alavancar uma ideia para prevenção e cuidado das pessoas que se sentem oprimidas em sua vida cotidiana. No Brasil, a hashtag #Nãosejaumporque ficou entre os principais assuntos no mundo nos *trending topics* do Twitter (MIRANDA, SOUZA, 2017). Foi então que a produtora se pronunciou e criou um site com o nome “Não Seja Um Porquê”. Este consiste em uma plataforma interativa, quem quiser acessar terá a oportunidade de conversar com uma inteligência artificial que tem respostas prontas relacionadas às cenas de abuso sexual e bullying da série, mas que faz o leitor interagir e descobrir se ele foi o motivo da depressão de alguém.

Na página são feitas algumas perguntas sempre com duas opções de respostas prontas que colocam o internauta diante de uma suposta situação de bullying sofrido por estudantes em escolas, trazendo momentos retratados na série que fazem com que a protagonista cometa o suicídio. Ao final da interação pelo teste no site, é possível enviar para os contatos via Whatsapp, um link contendo as treze cenas chave da série que contam os motivos para o suicídio de Hannah Baker (SANTANA; RODRIGUES, 2017, p. 10)

Figura 5 - Diálogo no site



Fonte: Site não seja um porquê. Acesso em 07/05

No site o internauta se depara com situação de bullying compartilhada por um dos personagens da série. Quando a conversa acaba a pessoa descobre se seria ou não um dos porquês de Hannah. O site, hoje (2019), está fora do ar.

No vídeo, disponibilizado pela Netflix em seu site, as celebridades compartilham suas experiências com o *bullying*, gordofobia, homossexualidade e racismo. Os filmes fazem parte da campanha do Netflix para o Dia Nacional de Combate ao Bullying, dia 07 de abril, e foram compartilhados com a hashtag #NãoSejaUmPorque. Várias celebridades brasileiras como Hugo Gloss, Taynara OG, Vaneza Oliveira, Chatarina Fischer e Jaqueline Sampaio participaram da ação. Em relato Hugo Gloss, blogueiro e influenciador digital, desabafa que era chamado de “Bruneca”, além de ter sido chamado de “Mamão” por ter, na infância, seios maiores que os de seus colegas de turma. Para o vídeo ser parecido e remeter à série foi usado como um dos componentes principais na formulação do cenário um microfone parecido com o que Hannah Bayke usou para gravar suas fitas cassetes, não esquecendo que o principal motivo do vídeo para a campanha é que isso motivasse o compartilhamento de experiências.

Vídeo 1 – Disponibilizado pela Netflix a #NãoSejaUmPorque.



Fonte: Netflix, 2017. Acesso em 07/05/19

A criação da produtora da Netflix no Brasil foi tão intensa que a #Nãosejaumporquê teve mais de 230 mil visualizações no Youtube (SANTANA; RODRIGUES, 2017, p. 11), e logo depois do lançamento a hashtag foi parar na plataforma Twitter e serviu como forma de acolhimento a histórias de vários internautas.

Os de internautas que associam o dilema das celebridades e da personagem Hannah aos seus; outros que apoiam, mas criticam pontos isolados da série; há também os que não concordam com a abordagem sobre o suicídio feita pela produtora audiovisual principalmente nos meios de comunicação online. (SANTANA; RODRIGUES, 2017, p.11)

É importante destacar que a campanha foi tão bem vista pelo público, que até o Ministério da Saúde tomou iniciativa e se juntou a hashtag. Além disso, o Ministério da Saúde mostra tipos de sintomas que podem ser característicos a depressão e a um futuro suicídio, deixa uma mensagem de alerta para a população “É importante saber ouvir”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE)

Figura 6 – A repercussão da hashtag no twitter



Fonte: Ministério da saúde (twitter). Acesso em 07/05/19

Figura 7 – A repercussão da hashtag no twitter



Fonte: MEC (Twitter). Acesso em 07/05/19

A série trouxe vários pontos de vistas diferentes sobre o suicídio. A distribuição de conteúdo trouxe uma nova esfera de opinião sobre o dia a dia das pessoas em geral, mesmo que seja sobre uma menina adolescente. Por isso, a série

disponibiliza no seu endereço eletrônico oficial a aba “fale com alguém”, que disponibiliza sites de valorização a vida.

3.5 A procura ao Centro de Valorização da Vida – Fale com alguém

A série *13 Reasons Why* impactou o mundo todo, principalmente no Brasil e nos Estados Unidos, de acordo com o estudo de Cristian Kieling, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2017 cerca de 4,7% das pessoas entrevistadas na pesquisa relataram ter passado por alguma dessas situações citadas na história de Hannah. Uma das cenas mais questionadas pelos pesquisadores e psiquiatras é a de mais ou menos três minutos, tempo razoavelmente longo para uma cena audiovisual, que mostra com detalhes a maneira como a jovem Hannah Baker tira a própria vida.

Após o lançamento da série houve um aumento na procura por ajuda, de acordo com o site do Centro de Valorização da Vida (CVV) (2017), de 400% no número de e-mails recebidos, além de que houve também uma alta de 170% no número de pessoas que visitam o site.

O site do CVV disponibiliza atendimento 24h em vários meios de comunicação como telefone, mensagens, e-mail e endereço postal. Existe também, dentro do site uma aba preparada para a comunidade, chamada CVV Comunidade que lida com atividades promovidas. As pessoas têm oportunidade de desenvolver o autoconhecimento, despertar o sentimento de solidariedade. Em suma, a finalidade do projeto é que as pessoas compartilhem experiências e possam transmitir a importância do CVV na sociedade.

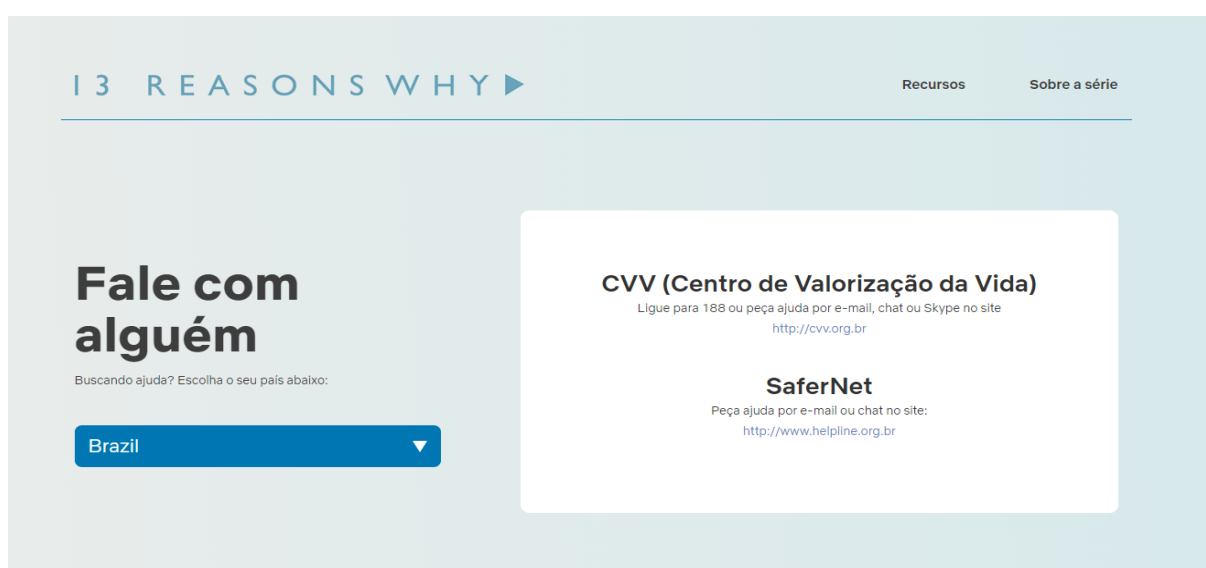
Figura 8 – Site oficial do Centro de Valorização da Vida



Fonte: <https://www.cvv.org.br/>. Acesso em: 07/05

Na aba de “fale com alguém”, o site da série *13 Reasons Why* disponibiliza o acesso para vários países e suas respectivas línguas, além disso o site também possibilita o leitor encontrar postos de atendimento e ajuda em sua região, por meio de sites, que são diferentes em cada país.

Figura 9 – Site oficial da série “Os treze Porquês”.



Fonte: Site oficial 13 reasons why. Acesso em: 11/05

No site oficial da série “Os 13 Porquês” o CVV aparece logo depois que o país, de origem, é escolhido. Além de fornecer sites de buscas o site também disponibiliza um recurso que orienta sobre a dinâmica da série e promove vídeos para conversa com mensagem do elenco para os usuários do site.

Mesmo com várias iniciativas de incentivo a falar com alguém sobre o assunto, não se pode tirar a responsabilidade da série acerca do tema, pois mesmo mantendo todos os cuidados a série ainda é alvo de discussões sobre o suicídio de Hannah. Vai de cada telespectador tirar as suas próprias conclusões, a série dos meios para um possível pedido de socorro se caso o telespectador se encontre na atual situação da garota.

O suicídio não pode ser visto como algo banal, nos últimos episódios fica clara a conclusão tirada por Clay, seu amigo, sobre o suicídio de Hannah, que independente se a pessoa é ou não do seu ciclo de amizade, o indivíduo faz parte de uma comunidade assim também é responsável por uma parcela do que o outro sente. O ato de tirar a própria vida nunca vem só com uma responsabilidade, mas com todas as outras que representavam algo na vida desse ser humano que se foi.

CONCLUSÃO

Em virtude do que foi analisado sob a responsabilidade da mídia na representação do suicídio na série *13 Reasons Why*, pode-se concluir em primeiro lugar que tratar sobre o tema pode ajudar na formação de opiniões e atos positivos para a sociedade. Durkheim define que a renúncia da própria vida é um ato voluntário que visa autodestruir-se, e que divide problemas individuais com dificuldades no âmbito de se relacionar com a sociedade. Sobre esse ponto em especial, esclarece o autor: “Cada sociedade tem, a cada momento de sua história, uma aptidão definida perante o suicídio” (DURKHEIM, 1897, p.16). O autor esclarece que o suicídio vem de fatores, “fatores extra sociais” e que a sociedade é motivada pelo século em que se encontra.

Durkheim no século 19 tratou o suicídio como processo pelo qual a sociedade forma o indivíduo: o processo de socialização, de fora para dentro. Ele define três tipos de suicídio principais: o suicídio egoísta, o suicídio altruísta e o suicídio anômico, Vale lembrar que o suicídio egoísta e o anômico, são os que mais exemplificam a Hannah Baker, protagonista da série “Os treze porquês”, pois primeiramente, a personagem se distancia de grupos sociais, destaca-se que quanto mais enfraquecido for o grupo a que pertence quanto menos o indivíduo depende dele mais passa a depender de si próprio, causando um enfraquecimento de si mesmo. Ao longo dos episódios Hannah se depara com as discussões dos pais sobre a atual situação financeira do casal, resultando assim no terceiro tipo de suicídio, relatado por Durkheim, o anômico. Hannah se sente incapaz de ajudar os pais, e tal situação resulta no enfraquecimento dos laços reguladores, como o dos pais da protagonista. Ambos resultam na interferência psicológica do com a dificuldade de se manter em sociedade, diante disso pode-se destacar Sigmund Freud que aborda o suicídio como algo obscuro e de causas misteriosas “De um lado, a renúncia do eu à vida poderia ser provocada por uma decepção da libido devido a causas externas; de outro lado, a renúncia poderia provir de causas internas, de motivos próprios ao eu” (Freud, 1969, p. 209).

O desânimo, diminuição do amor próprio, da autoestima, o desinteresse pelo mundo, a incapacidade de amar, a inibição e a diminuição da autoestima chegam ao ponto de encontrarem expressão no “auto recriminação e auto envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição” (Freud, 1969, p. 250).

Considerando a fragilidade da pessoa que tenta cometer o suicídio, pode-se concluir que a mídia tem a responsabilidade de transmitir o conteúdo com extrema cautela. No âmbito jornalístico também é visível o cuidado na exposição de matérias com esse assunto, evitar indagações que afetem muito o leitor, além de evitar o desrespeito à imagem da vítima.

O discurso legitimador do papel profissional e público da atividade jornalística tomou como missão dos jornalistas contribuir para o desenvolvimento da sociedade e a manutenção dos valores democráticos, fornecendo informações e análises acerca do andamento da vida, da sociedade, da política. (LOVISOLO; DEOLINDO, 2008, p. 145)

Diante disso, a mídia em geral utiliza os meios de comunicação para construir uma opinião acerca de um determinado assunto, traduzindo de maneira árdua os acontecimentos pertinentes da sociedade. Em conjunto com o advento das redes sociais, nesse caso a mídia se tornou também um espaço de liberdade de expressão, entretanto, com a rapidez em que dissemina pautas determinadas de como “quentes”, destrói e desrespeita o ser humano que assiste a notícia, por isso o compromisso da imprensa é com a realidade, mas é necessário o bom senso na linguagem editorial adotada por cada veículo para noticiar determinados acontecimentos. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, por exemplo, mesmo bloqueando a veiculação de informações mórbidas e sensacionalistas, ainda não trata diretamente da questão de como se deve escrever sobre o tema suicídio.

A princípio a grande repercussão da representação da série *13 Reasons Why* foi justamente por mostrar um ato de se automutilar até a morte, a série procurou analisar passo a passo da vida de Hannah Baker para esse final surpreendente. A Trama serve de alerta para inúmeros problemas que ocorrem, principalmente, na adolescência, pois o sofrimento, tristeza e desespero nem sempre são evidentes. A série responde às poucas pequenas perguntas que são frequentes quando ocorre casos assim como por exemplo, “Por que ela fez aquilo? ”, “O que aconteceu? ”, “Ela parecia tão feliz”, “Ela não deixou nem um bilhete”, e aos poucos os telespectadores vão se sensibilizando pela história da garota.

De uma forma ou de outra a série “Os 13 porquês” vem demonstrando que está cumprindo com o seu papel de gerar reflexões diante de temas sérios como

abusos sexual, depressão, bullying, suicídio, posse de armas por adolescentes, bebidas alcoólicas.

Nos Estados Unidos, a prática do bullying é tão comum que histórias com finais trágicos como as de Hannah Baker acontecem a todo instante. Os frequentes ataques que ocorrem em escolas estão diretamente relacionados ao bullying. Não se trata de um drama adolescente, mas sim de problemas diários que ressaltam a responsabilidade de um indivíduo por cada um ao seu redor.

Nesse sentido, as taxas de suicídio nas sociedades atuais só podem ser devidamente compreendidas caso se considere as novas forças coletivas emergentes, os novos arranjos sociais e os novos papéis encarnados pelos atores sociais. Assim sendo, longe de ser um fenômeno engessado, o suicídio está em conformidade com a própria natureza das sociedades. (VARES, 2017, 34)

Esta pesquisa conclui que a relação do jornalismo e do audiovisual diante das reportagens sobre suicídio devem ser cautelosas e precisas, lembrando que são formadores de opinião e por isso são responsáveis pelo que produzem. O suicídio vai muito além de só noticiar ou produzir uma série que circulou por conta de um suicídio, ela opera para incentivar a procura por ajuda e demonstrar a preocupação positiva diante de críticas voltada ao tema. A série *13 Reasons Why* é positiva no âmbito de esclarecer alguns motivos pelos quais a protagonista cometeu o suicídio, e mostrar ao público algumas realidades frequentes na sociedade contemporânea. Deixando claro que o papel do audiovisual em expor determinadas cenas e relatos considerados impactantes pode trazer diversas interpretações e significados.

A série não termina na primeira temporada, o suicídio de Hannah Baker abre portas para possíveis outros suicídios e assassinatos. Por isso, tirar uma conclusão da primeira temporada sem ver a segunda se torna fácil, mas o estudo de caso da série retoma o pensamento do que as pessoas ao redor de um indivíduo que suicida faz depois que tudo acontece, como fica suas vidas. Existem ainda várias outras hipóteses e questionamentos a serem feitos diante do tema e que por ser tão atual demanda análises sobre as situações do indivíduo que tira a própria vida e de seus familiares, sobre o que acontece depois.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O mito de sisifo**. Nova ortografia. 2010

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. 1a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

AIRES, Luísa. **Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional**. Aberta, 2015.

ALMEIDA, Felipe Mateus. **O Suicídio: Contribuições De Émile Durkheim E Karl Marx Para A Compreensão Desse Fenômeno Na Contemporaneidade**. 2018. Disponível em: www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/7306/5248
Acesso em: 13/03/19

AYERS, John, W; ALTHOUSE, Benjamin. M; LEAS, Eric, C. **Pesquisas na Internet por suicídio após o lançamento de 13 razões pelas quais**. 2017. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/fullarticle/2646773>. Acesso em: 28/04/19

BARROS, Filho. **Ética na comunicação**. 4.ed. São Paulo: Summus, 2003.

BETHÔNICO, Jalver. **Signos audiovisuais e a ciência da informação: uma avaliação**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BUTLER, Bethonie. **13 reasons why depicts a graphic suicide; experts say there's a problem with that. Internet**. Disponível em: <http://www.chicagotribune.com/entertainment/tv/ct-13-reasons-why-depicts-suicide-20170417-story.html>. Acesso em: 28/04/19

BRUM, Mauricio; LISBOA, Sílvia. **O impacto da série '13 Reasons Why' na visão de jovens brasileiros sobre suicídio e bullying, segundo estudo**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/08/07/o-impacto-da-serie-13-reasons-why-na-visao-de-jovens-brasileiros-sobre-suicidio-e-bullying-segundo-estudo.ghtml>. Acesso em: 20/03/19

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **O que é suicídio**. Brasiliense, 1986

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **Suicídio. Fatores Inconscientes e Aspectos Socioculturais: uma introdução.** Blucher, 2017

CIRNE, Maria Teresa; FERREIRA, Sônia Maria; **A ética para os profissionais da informação audiovisual: o dever tecnológico a moldar uma atitude.** 2002.
Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/82300>. Acesso em: 10/04

COSTA, Mariana Carvalho; MEDEIROS, Cynthia Pereira. **Um percurso freudiano das depressões.** Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000100009. Acesso em: 24/03/19

DAPIEVE, Arthur. **Morreu na contramão- o suicídio como notícia.** Ed. Zahar. 2007

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Contraponto, 1997

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Em Comunicação.** Atlas. 2ª Ed. 2011

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Martins Fontes, 2000

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio de mídia propagável.** Tradução Patrícia Arnaud. – São Paulo; Aleph, 2014

PHILLIPS, David. P. **Suicídios imitativos: um estudo nacional dos efeitos das notícias de televisão.** 1982. Disponível em:
https://www.jstor.org/stable/2095217?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 22/03/19

Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de ética dos jornalistas brasileiros.** 2010. Disponível em:
http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros-1.pdf. Acesso em: 15/02/19

FORD, Sam; GREEN Joshua; JENKINS, Henry. **Cultura da Conexão: criando valor e Significado por Meio da Mídia Propagável.** 1ª ed. São Paulo: Aleph, 2014.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Cosac Naify, 2011

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1969

FRIEDRICH, Mariah; REBOUÇAS, Edgard. **Suicídio como pauta jornalística: condutas midiáticas e posturas perante à problemática**. 2017. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2866-1.pdf>. Acesso em: 21/03/19

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisual**. Autêntica, 2012
LOVISOLO, Hugo. R.; DEOLINDO, Jacqueline. **Ética jornalística no Brasil: o ideal, o real e os desvios no percurso**. Anuário Lusófono. 2008. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/view/747>. Acesso em: 20/05

MARTINS. Manuela Fazenda. **A tentativa de suicídio adolescente**. Afrontamento, 1990

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. 2017. Disponível em: https://twitter.com/MEC_Comunicacao. Acesso em: 12/05/19

MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2017. Disponível em: <https://twitter.com/minsaude>. Acesso em: 12/05/19

MIRANDA, Sheyla Pereira; SOUZA, Josyane Lanner Florenzano. **Agenda-setting na Netflix: um estudo de caso da série 13 Reasons Why**. 2017. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2200-1.pdf>. Acesso em: 17/04/19

NARDI, Edson Renato; BRIGAGÃO, Leticia Rossi Feliciano. **13 Reasons Why: uma análise filosófica a respeito do suicídio sob a ótica de Camus, Freud e Schopenhauer e sua abordagem pedagógica no Ensino Médio**, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/neseef/article/download/62479/36666>. Acesso em: 24/04/19

NETFLIX. Disponível em: <https://13reasonswhy.info/>. Acesso em: 03/05/19

NETFLIX. 13 Reasons Why. 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117470>. Acesso em: 04/03/19

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio**

Um recurso para conselheiros. 2006. Disponível em:
https://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf. Acesso em:
 12/04/19

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia.** 2000. Disponível em:
whqlibdoc.who.int/hq/2000/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf. Acesso em: 16/04/19

PAULA, Ana. **13 reasons why: o sofrimento de Hannah Baker.** Disponível em:
<https://www.cvv.org.br/blog/13-reasons-why-o-sofrimento-de-hannah-baker/>
 Acesso em: 24/04/19

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua.** 2016. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=19937&t=downloads>. Acesso em: 06/03/19

GOETHE, Johan Wolfgang Von. **Os sofrimentos do jovem Werther.** Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

RODRIGUES, Laís M. **Suicídio: como falar sobre o ato sem promovê-lo.** São Paulo: BBC Brasil, 2017. Internet. Disponível em:
<http://www.bbc.com/portuguese/geral-39714347>. Acesso em: 18/03/19

SANTANA, Paulo Henrique Basilio; RODRIGUES, Rodrigo Siqueira. **“Não Seja Um Porquê”: uma análise das estratégias midiáticas acerca do tema suicídio na série 13 Reasons Why.** Disponível em:
<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1498-1.pdf>
 Acesso em: 23/04

SILVA, Marcimedes Martins. **Suicídio: trama na comunicação.** Livrus, 2 ed, 2008

SCHIONTEK, Mateus, COHENE, Vitória Castilho, BUIATTI, Renato . **O Netflix e a mudança na distribuição audiovisual com a popularização do streaming.** Universidade Positivo, Curitiba, PR. Disponível em:
<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1859-1.pdf>. Acesso em
 14/03/19

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação.** Contraponto, 2001

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de conhecer a si mesmo**. Martinsfontes, 2009

VARES, Sidnei Ferreira. **O problema do suicídio em Émile Durkheim**. Revista do Instituto de Ciências Humanas vol. 13, nº 18, 2017

Disponível em:

periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/download/15869/12785

Acesso em: 20/05/19

ZEITCHIK, Steven. The Whashington Post. **Suicídios aumentaram nos meses após o lançamento da Netflix '13 Reasons Why ', segundo estudo**. 2017.

Disponível em: https://www.washingtonpost.com/business/2019/04/30/suicides-spiked-months-after-netflix-released-reasons-why-study-finds/?utm_term=.a4047bfe9166. Acesso em: 17/04

ZIMERMAN, Aline; CAYE, Arthur; ZIMERMAN, André; SALUM, Giovanni; PASSOS, Ives; KIELING, Cristian. **Revisitando o Efeito Werther no Século XXI: Bullying e Suicidalidade entre Adolescentes que Assistiram 13 Razões**. Disponível em: [https://www.jaacap.org/article/S0890-8567\(18\)30288-0/fulltext](https://www.jaacap.org/article/S0890-8567(18)30288-0/fulltext). Acesso em: 15/03/19